



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

LICENCIATURA EM ARTE-TEATRO

,

BEATRIZ TERRA DAMASCENO FERREIRA

"PROFESSORA, TU É FAVELA?": A Arte do Funk na Formação Identitária de
Jovens Periféricos

São Paulo

2024

BEATRIZ TERRA DAMASCENO FERREIRA

"PROFESSORA, TU É FAVELA?": A Arte do Funk na Formação Identitária de
Jovens Periféricos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes da UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP
,Campus São Paulo, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em Arte Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Pereira Rachel

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

F383p Ferreira, Beatriz Terra Damasceno (Beatriz Terra), 2000-
Professora, tu é favela? : a arte do funk na formação identitária de
jovens periféricos / Beatriz Terra Damasceno Ferreira. -- São Paulo, 2024.
66 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Pereira Rachel.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Educação. 2. Funk (Música). 3. Escolas públicas. 4. Identidade
social. 5. Periferias urbanas. I. Rachel, Denise Pereira, 1980-. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 780.7

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

BEATRIZ TERRA DAMASCENO FERREIRA

"PROFESSORA, TU É FAVELA?" : A Arte do Funk na Formação Identitária de
Jovens Periféricos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes da UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP
,Campus São Paulo, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em Arte Teatro.

São Paulo, 21 de Novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Denise Pereira Rachel

Prof. M. Bruno da Silva Canabarro

Dedico ao meu tio Sherman, que infelizmente não pode me ver crescendo, e a minha avó Nerita, que nos dois primeiros anos da minha graduação esperava até tarde da noite na sacada de sua casa para que eu chegasse segura em casa. Hoje ambos me assistem finalizar a graduação do céu.

Dedico a todos os jovens periféricos que sonham em ser artistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por me fazerem enxergar a arte como forma válida de expressão e desde a infância me incentivarem a seguir meus sonhos. Aos meus avós pelas orações e cuidados, à toda minha família pela criação cuidadosa e carinhosa dentro de uma periferia.

Agradeço aos meus alunos que me permitiram ensinar Arte através do funk. Aos meus amigos que estiveram ao longo da graduação torcendo e me auxiliando.

Agradeço a professora Denise Pereira Rachel por me orientar e por toda paciência comigo. Ao professor Bruno Canabarro que me mostrou diversas formas de incentivo a arte periférica em sala de aula. A professora Lia Braga me ensinou que o professor pode sim ser um braço amigo.

Por fim, agradeço a mim mesma de 4 anos de idade que sonhou e nunca desistiu de ser artista.

“Não se pode falar de educação sem amor”. — Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia)

RESUMO

Este trabalho explora o papel do funk na educação e construção de identidade nas periferias urbanas, com foco nas interações entre professores e alunos de escolas públicas. Partindo da vivência da autora como professora de teatro em uma unidade do CEU e de relatos de alunos que encontram no funk uma representação de suas realidades, o estudo investiga como o gênero musical contribui para o fortalecimento da autoestima e a valorização cultural. Analisam-se, também, as barreiras e preconceitos que o funk enfrenta, especialmente em ambientes escolares, e como ele pode ser utilizado para promover uma educação mais inclusiva e significativa. A pesquisa busca desmistificar estereótipos e enfatizar a importância de valorizar as expressões culturais periféricas no contexto educacional, defendendo que o funk é uma forma de resistência e um espaço de representatividade para os jovens.

Palavras-chave: funk; educação; identidade; periferia; inclusão.

ABSTRACT

This paper explores the role of funk music in education and identity construction in urban peripheral areas, focusing on interactions between teachers and students in public schools. Drawing from the author's experience as theater teacher in a CEU unit and students' accounts of finding their realities represented in funk, this study investigates how this musical genre contributes to self-esteem and cultural appreciation. It also examines the barriers and prejudices funk faces, especially within educational settings, and how it can be used to foster a more inclusive and meaningful education. The research aims to demystify stereotypes and highlight the importance of valuing peripheral cultural expressions in education, arguing that funk serves as both a form of resistance and a space for youth representation.

Keywords: funk; education; identity; peripheral areas; inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - James Brown.....	13
Fotografia 2 - Black Rio.....	16
Imagem 3 - Funk Brasil.....	17
Fotografia 4- Funk Rave.....	19
Fotografia 5 - Baile do Pantanal (Zona Sul de São Paulo).....	21
Fotografia 6 - Moda Baile Paulista.....	23
Imagem 7 - Dicionário de Gírias.....	23
Imagem 8 - Reportagem Massacre de Paraisópolis.....	26
Imagem 9 - Nota Oficial.....	28
Fotografia 10 - O Passinho.....	31
Fotografia 11 - MC Cacau.....	32
Fotografia 12 - MC Ellu.....	33
Fotografia 13 - MC Katia e MC Nem.....	34
Fotografia 14 - MC Drikca "Rainha dos Fluxos".....	36
Imagem 15 - A Dança.....	39
Fotografia 16 - Hariel na UNICAMP.....	40
Fotografia 17 - Chavoso da USP.....	41
Fotografia 18 - Aula de rebolar por Beatriz Terra e Fernanda de Campos.....	46
Imagem 19 - Roteiro Confusamente 1.....	51
Imagem 20 - Roteiro Confusamente 2.....	52
Imagem 21 - Vendo Pó...esia.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNK EM MOVIMENTO - A HISTÓRIA DO FUNK	11
2.1 FUNK NA BATIDA BRASILEIRA: A TRANSIÇÃO DAS RUAS DO BRONX ÀS FAVELAS CARIOCAS	14
2.2 FUNK DE SP: O BATIDÃO DA QUEBRADA PAULISTANA	19
3 QUEBRANDO PRECONCEITOS - A CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK.	24
3.1 FUNK E EROTISMO: A DANÇA QUE QUEBRA TABUS E CELEBRA A LIBERDADE	28
3.2 VOZES FEMININAS QUE TRANSFORMAM A QUEBRADA	30
4 NA VOZ DOS CORRE: O FUNK COMO SALVAÇÃO	37
5 FUNK NA ESCOLA: BATENDO DE FRENTE COM O SISTEMA	42
6 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	58
GLOSSÁRIO	63

1 INTRODUÇÃO

Um dia, um dos meus alunos da EMEI chegou à aula usando uma camiseta da torcida organizada de futebol de várzea do bairro da Brasilândia, uma comunidade periférica próxima à minha casa. Ao vê-lo, resolvi cumprimentá-lo com a linguagem que me é familiar, dizendo: “E aí, parça, mó bonita tua peita” – um jeito de falar que, fora da quebrada, se traduz como “Oi, amigo, muito bonita sua camiseta”. Ao ouvir isso, o aluno, de apenas 7 anos, me olhou surpreso e perguntou: “Professora, tu é favela?”

A pergunta era direta e reta. Ele não queria saber se eu morava em uma favela; queria saber se eu era favela. Ser favela é algo que transcende a moradia. Ser favela é viver, falar, vestir e pensar como quem carrega as marcas e a força de um território marginalizado, que enfrenta estigmas, mas é repleto de cultura e resistência. Quando confirmei minha resposta, senti que isso nos aproximava. Mais tarde, ele buscou seu pai para confirmar se eu era “favela mesmo”. No dia seguinte, ele voltou, me deu um abraço e disse: “Professora, tu é favela mesmo”, como se tivéssemos selado uma espécie de pacto de confiança e pertencimento.

Esse encontro, aparentemente casual, revelou uma verdade profunda: muitos alunos encontram no professor não só uma figura de ensino, mas alguém que valida e valoriza suas identidades. Quando os jovens veem suas culturas reconhecidas dentro da escola, a aprendizagem se torna mais significativa. No meu caso, isso significou que aquele aluno participasse mais das aulas, convidando outros a se engajarem também. Esse pequeno gesto de aceitação do que é ser “favela” fez com que ele quisesse ser meu “ajudante”, incentivando seus colegas nas atividades de teatro.

Este trabalho se propõe a explorar como o funk, assim como esse episódio, funciona como uma poderosa ferramenta de identidade e educação nas periferias. Por meio do funk, os jovens encontram um espaço de autoafirmação e expressão em ambientes que, tradicionalmente, os rejeitam. Ao longo deste estudo, analisarei como o funk pode desmistificar preconceitos e abrir portas para uma educação inclusiva, onde os alunos se veem valorizados e ouvidos, e onde sua cultura tem espaço para ser respeitada e compreendida.

O primeiro capítulo aborda a história do funk desde seu nascimento até a chegada no Brasil e, especificamente, em São Paulo. No próximo capítulo faço um levantamento dos principais preconceitos sofridos pelo funk no Brasil, sendo complementado pelo capítulo seguinte que trago referências positivas de nomes do funk, como por exemplo, MC Hariel. Finalizo contando minhas experiências em sala de aula e sugerindo uma sequência didática trazendo o funk como possibilidade para o ensino de arte. Ao final, inclui um Glossário em anexo de subgêneros do funk, estilos de dança e de batidas mais conhecidas.

2 FUNK EM MOVIMENTO - A HISTÓRIA DO FUNK

Para falar do funk como movimento, precisamos voltar ao final da década de 1960 e viajar até o sul dos Estados Unidos. O contexto social da época, marcado por diversas lutas, clamava por uma mudança urgente. Em meio a conflitos pela igualdade racial e pelos direitos civis, liderados principalmente por figuras como Martin Luther King Jr. e Malcolm X, a população negra, majoritariamente pobre, enfrentava uma realidade de segregação e pobreza. Ao mesmo tempo, a população em geral protestava contra a Guerra do Vietnã. Surgia, então, um anseio que ia além das lutas sociais da época, como o movimento Black Power, por uma transformação artística que pudesse representar e valorizar ainda mais a cultura negra, pobre e marginalizada.

É desse desejo que nasce o funk. O termo "funk" vem da oralidade afro-americana e carregava dois significados, dependendo da cor e classe social de quem o usava. Derivado do latim "fumigare", que significa "fumar", e do francês antigo "fungiere", que trazia o sentido de "mofado", o termo chegou ao inglês e se transformou em gíria. Para os brancos, "funky" tinha uma conotação negativa, usada para descrever um odor forte e desagradável ou alguém rude e mal-humorado. Para as comunidades negras, porém, funky significava um "fedor" que representava o suor e o esforço positivo, como o de um corpo dançante que exala autenticidade. Nas primeiras sessões de jazz, era comum ouvir músicos dizerem: "Now, put some funky on it!" ou, em tradução livre, "Agora, coloquem um pouco de fedor nisso!" – e esses chamados faziam o público dançar, suar e se entregar ao ritmo, marcando o nascimento de um estilo dançante e alegre, que colocava o corpo em movimento e espalhava energia.

Inicialmente, os ritmos de soul y rhythm and blues (R & B), que já eram populares, começaram a mudar, incorporando batidas mais fortes e, claro, o groove. Foi então que James Brown, conhecido como o "Padrinho do Soul", entrou em cena, consolidando o funk e dando ainda mais força ao novo estilo musical. Brown introduziu características que permanecem até hoje, como a batida sincopada, o baixo marcante, as repetições e as vocalizações dinâmicas. A música "Papa 's Got a Brand New Bag" (1965) é um exemplo clássico disso, sendo considerada a canção que melhor simboliza o nascimento do funk e traz uma mudança revolucionária.

James Brown usava suas músicas para impulsionar as lutas sociais; seu hit de 1968, "Say It Loud – I'm Black and I'm Proud", tornou-se um hino do movimento pelos direitos civis e fez do funk uma música de resistência e empoderamento afro-americano. O ritmo se transformou em uma expressão cultural negra que transmitia um senso de comunidade e união. Não à toa, o músico é referenciado até hoje, com sua influência presente em samples e produções de muitos artistas.

Fotografia 1 - James Brown



Fonte: Campos, 2021.

Com isso, novos nomes surgiram, trazendo ainda mais mudanças e adicionando novos elementos ao som. Sly and the Family Stone, por exemplo, combinou o funk com o rock psicodélico, abordando temas sobre igualdade racial e política em suas canções. George Clinton, por sua vez, levou o funk a novas fronteiras com uma abordagem experimental e futurista, criando um subgênero conhecido como "P-Funk", que misturava funk com rock, jazz e elementos de ficção científica.

Na década de 1970, o funk tomou conta das pistas de dança e começou a incorporar outro estilo musical: o disco, que trouxe uma batida marcada e o groove característico. A influência do funk se expandiu também para a moda: bandas de funk eram conhecidas por seus figurinos extravagantes, coloridos, com dançarinos e efeitos especiais, tornando-se referência na cultura pop da época. Quando

assistimos a filmes dos anos 70, videoclipes ou qualquer outra produção audiovisual desse período, encontramos calças boca de sino, sapatos plataforma, macacões e camisas de gola alta, todos elementos usados por artistas como James Brown. Esses itens de moda transmitiam liberdade e sensualidade, temas centrais tanto no funk quanto no disco. Com o tempo, o som contagiante do funk se fundiu com o rock, jazz e outros estilos, ampliando ainda mais sua influência na moda e na cultura da década.

Nos anos 1980, DJs como Kool Herc, Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa começaram a usar trechos de funk em suas mixagens em festas de rua no Bronx. Um elemento-chave do nascimento do hip hop foi o breakbeat, no qual DJs estendiam as seções rítmicas das músicas de funk, como os solos de bateria, para criar uma batida contínua onde os dançarinos de breakdancing (ou b-boys) podiam se apresentar. Essas "batidas quebradas" eram perfeitas para o estilo de dança explosivo e acrobático que se tornou marca registrada do hip hop.

Na década de 1990, o funk continuou a influenciar o hip hop, especialmente no subgênero G-Funk, da costa oeste dos EUA. O G-Funk, popularizado por artistas como Dr. Dre e Snoop Dogg, incorporava fortemente elementos do funk, especialmente o estilo psicodélico do Parliament-Funkadelic, criando um som relaxado, mas com graves potentes, que dominou o cenário do rap por anos. Não é incomum encontrar referências ao funk nessas produções, como em "Let Me Ride" de Dr. Dre e "Get Down" de Nas, que possuem batidas de bateria fortes, características das primeiras versões do funk de James Brown.

Atualmente, o funk americano se fundiu com o pop; artistas como Bruno Mars, Pharrell Williams e Daft Punk utilizam elementos de funk em suas obras, mantendo vivo o legado de James Brown na cultura afro-americana.

A origem do funk americano evidencia seu papel como símbolo de luta e representatividade negra. Nascido das lutas sociais e popularizado por figuras negras, o funk atravessou culturas e influenciou gerações. É graças ao funk e à luta contra a segregação racial que muitos outros ritmos musicais nasceram, e não podemos esquecer suas origens.

2.1 FUNK NA BATIDA BRASILEIRA: A TRANSIÇÃO DAS RUAS DO BRONX ÀS FAVELAS CARIOCAS

No Brasil, o funk ganhou espaço entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980. O país vivia uma era de repressão política, com a ditadura militar em pleno vigor, o que incentivou uma intensa busca por formas de expressão artística e cultural nas periferias.

Foi nesse contexto que surgiram os chamados "Bailes Black", espaços onde jovens se reuniam para festejar e ouvir sons da cultura afro-americana, em busca de valorização da cultura negra. Esses bailes começaram na Zona Norte do Rio de Janeiro e se popularizaram graças às interações entre os jovens, que divulgavam as festas entre si. Mesmo realizados em locais precários, não era difícil reunir um público de mais de 1.500 pessoas, em sua maioria jovens – um número que, na época, já era considerado um sucesso. O pioneiro em promover esses bailes foi Oséas Moura dos Santos, conhecido como Mister Funky Santos, que organizava as festas no antigo Astória Futebol Clube, localizado no bairro do Catumbi. Pouco a pouco, os jovens afro-brasileiros começaram a criar um código de vestimenta próprio e a se identificarem como "black".

Esse ímpeto por itens do vestuário (boinas, óculos de aro redondo, calças boquinha, calças tubinho, camisas pintadas à própria mão, blusas coladas ao corpo, casacos longos de veludo em pleno verão e, fundamentalmente, os pisantes), a utilização de cabelos esculpido em trancinhas e, sobretudo, em volumosos black power e o pente-garfo - para fazer o penteado afro, o blackão, inspirado no visual dos integrantes do movimento Black Power estadunidense - demarcava uma tentativa de incorporação de uma estética imponente e moderna, articulada a um conjunto de símbolos notadamente afro-diaspóricos, demarcadores da diferença.(Domingues; Medeiros, 2024, p. 8).

Fotografia 2 - Black Rio



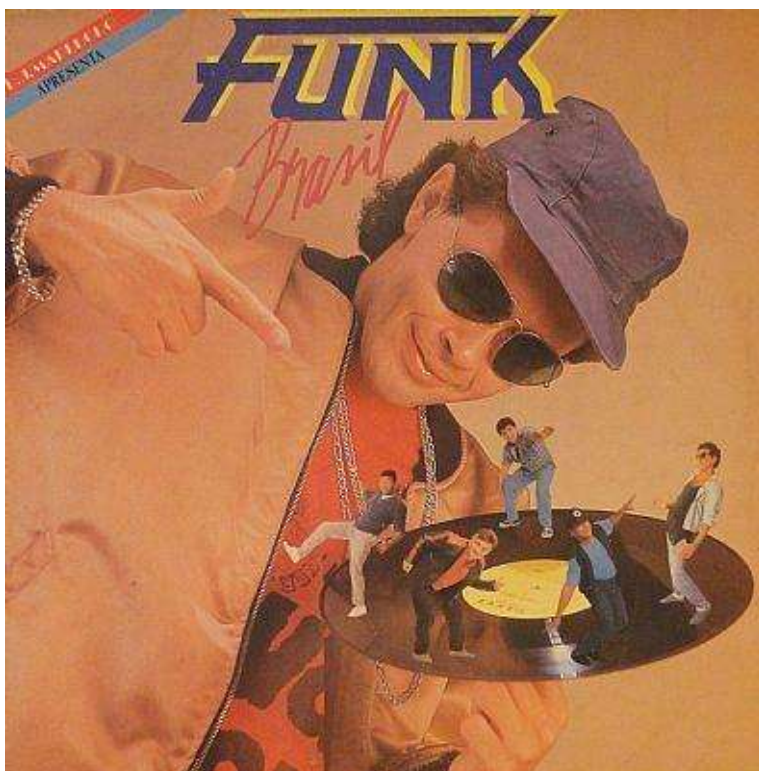
Fonte: Gomes Freire, 2018.

Em um contexto de ditadura militar no Brasil, não é difícil imaginar que o governo pudesse reprimir essas festas – e de fato, houve repressão. Os militares defendiam a ideia de um país onde não existia discriminação racial e, assim, qualquer pessoa que apontasse o evidente problema do racismo no Brasil era considerada "antibrasileira" e acusada de praticar "racismo reverso". O governo autoritário de direita iniciou então uma campanha preconceituosa para manchar a imagem dos bailes, com o controle da imprensa, propagava a ideia de que o movimento Black Rio era uma "importação nefasta dos Estados Unidos". Ao mesmo tempo, parte dos intelectuais de esquerda e sambistas tradicionais argumentava que os bailes eram uma imitação colonizada dos norte-americanos, ameaçando o samba e a cultura brasileira.

Nesse contexto, o funk chega ao Brasil, com batidas animadas e rítmicas, caiu no gosto da população da Zona Sul do Rio de Janeiro, área nobre carioca. O estilo musical tinha tudo para ser mais um produto da elite brasileira; porém, o forte crescimento da Música Popular Brasileira (MPB) fez com que o funk perdesse popularidade entre os "nobres" e caísse no gosto dos periféricos. O funk migra para os "Bailes da Pesada" nas favelas cariocas, com um ritmo ainda mais acelerado e batidas erotizadas.

No final da década, um nome surge, criando uma letra e batida totalmente brasileira: Fernando Luís Mattos da Matta, o DJ Marlboro, criador do estilo "Funk das Favelas". Marlboro iniciou sua carreira em 1977, quando amadoramente se dedicava a fazer parte das festas americanizadas. Em 1980, ele se profissionalizou como DJ e, em 1989, ganhou destaque nacional ao vencer o Campeonato Brasileiro de DJs. Nesse mesmo ano, DJ Marlboro mescla batidas eletrônicas mais melódicas e lança seu primeiro disco intitulado "Funk Brasil", que, segundo ele, foi criado a partir de uma brincadeira: uma versão com mais bateria da "Melô da Mulher Feia", que gerou a versão brasileira do ritmo americano. O tom de brincadeira do DJ continuou na contracapa do disco, que dizia: "Agradecimentos ao Hermano Vianna, responsável por esse massacre." Hermano Vianna foi um antropólogo dedicado ao estudo da música, e o "massacre" se referia ao novo estilo musical que mudaria a indústria.

Imagem 3 - Funk Brasil



Fonte: FUNK BRASIL 1989 VOL 01 DJ MARLBORO, 2020.

Até hoje, músicas produzidas por Marlboro são ouvidas, e muitos nem sabem que são dele, como, por exemplo, "Já é Sensação", "Vira de Ladinho" e "Um Morto Muito Louco". O artista ajudou a lançar diversos funkeiros, como, por exemplo, o Copacabana Beat, um grupo com ritmos mais melódicos; MC Marcinho, conhecido

por sucessos como "Se Ela Dança, Eu Danço" e "Ela Só Pensa em Beijar"; e MC Sapão, conhecido pelo hit "Eu Tô Tranquilão". Além disso, Marlboro realizou campanhas e projetos sociais, como o Baile do Agasalho e o Baile do Material Escolar, a fim de promover a solidariedade entre os frequentadores.

A internet ajudou o funk a se consolidar com rapidez no Brasil, privilégio que outros estilos, como o samba, não tiveram. Com o passar dos anos, as letras começaram a retratar a realidade periférica, o dia a dia das comunidades cariocas e o desejo de ascensão social, sem esquecer suas raízes, muito bem retratadas, por exemplo, no "Rap da Felicidade" de Cidinho e Doca, também lançado pelo DJ Marlboro.

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Fé em Deus. (CIDINHO; DOCA. 1995)

Com a virada do milênio, o funk ultrapassa barreiras sociais e passa a ser ouvido em diversas caixas de som pelos espaços da classe média brasileira. É tocado em casas de festas, baladas, academias, rádios e novelas. O funk entra de vez para a cultura popular brasileira. A produtora Furacão 2000, criada por Rômulo Costa, é uma das mais conhecidas e consagradas até os dias atuais e foi crucial para essa popularização, tornando-se referência no movimento funk. Foi ela quem lançou artistas como "O Gaiola das Popozudas" e "Os Hawaianos". A influência do produto da gravadora foi tão importante que o Furacão 2000 ajudou na organização dos mais famosos bailes funk no Rio de Janeiro, fazendo com que o ritmo brasileiro e diversos artistas ganhassem relevância nacional e internacional. Além do trabalho social que permite que os jovens divulguem suas expressões culturais, atualmente, em seu site, a produtora disponibiliza uma seção para que as pessoas possam enviar suas autorias. Traduzindo, a produtora Furacão 2000 não é apenas uma gravadora, mas sim um símbolo do movimento funk.

Atualmente, o funk carioca se reinventa a cada dia. Artistas como Anitta, MC Kevin o Chris e Ludmilla ganham destaque internacional, misturando ainda mais o funk com eletrônica, reggaeton e trap. Trazendo para o Brasil participações de artistas estrangeiros que misturam o português com o inglês, como as músicas "Downtown" de Anitta e J Balvin e "Onda Diferente" de Ludmilla e Snoop Dogg. Hoje,

as letras abordam de forma festiva a realidade das comunidades cariocas e celebram a brasilidade, com videoclipes coreografados, vestimentas como shorts curtos, camisetas cropped, regatas, acessórios como bonés, correntes de prata e ouro, e estampas fortes e coloridas.

Fotografia 4- Funk Rave



Fonte: Youtube Music, 2023.

Se quer dar um rolê
Eu vou te apresentar o melhor baile do Rio de Janeiro
Tu já sabe qual é.
O Complexo da Penha. (MC KEVIN O CHRIS; FP DO TREM BALA. 2019)

2.2 FUNK DE SP: O BATIDÃO DA QUEBRADA PAULISTANA

Assim como no Rio, os bailes funk de São Paulo começaram a crescer nas periferias e favelas, ganhando adeptos rapidamente. Esses bailes eram organizados em espaços comunitários, clubes ou mesmo nas ruas, atraindo multidões de jovens de bairros como Grajaú, Capão Redondo, Cidade Tiradentes e Brasilândia. Ao contrário do Rio, onde o movimento dos bailes funk estava mais concentrado em

áreas específicas da cidade, em São Paulo o funk se incluía de forma mais descentralizada, adaptando-se às diversas zonas da capital.

No início, o funk paulista se assemelhava ao carioca, mas com o tempo os MCs passaram a retratar a realidade de São Paulo, como desigualdade social, desemprego, violência e dificuldades enfrentadas por jovens favelados. MCs como Boy do Charmes e a Equipe Zimbabwe foram pioneiros na cena do funk em São Paulo, trazendo novas abordagens e estilos ao gênero. A Zona Leste da cidade tornou-se um epicentro importante para a produção e consumo de funk, com uma grande quantidade de bailes e eventos que fomentam a criação de músicas locais.

Nos anos 2000, surge um subgênero dentro de São Paulo: o funk ostentação. Esse estilo se combinou rapidamente pelo Brasil e marcou a diferença entre o funk carioca e o paulista. Com temas girando em torno do consumo de bens de luxo, carros, roupas de marca e festas, esse estilo foi impulsionado pelo crescimento econômico, que aumentou o poder aquisitivo das classes mais populares, fazendo com que os jovens periféricos vissem mais de perto a tão sonhada vida de luxo, ainda assim distante da realidade. Videoclipes, normalmente caseiros, ajudaram a catapultar novos artistas para a fama. MC Guimê, MC Daleste, MC Lon e MC Rodolfinho foram funkeiros que se consolidaram na ostentação.

Tô sem juízo, pois é, de Rolex europeu
Depois que eu gastei 10 mil, perguntaram quem sou eu
Eu sou Daleste, cheguei, mas tô saindo fora
Vim chamar as tops, vem, mas só se for agora
Angra dos Reis, 40 grau, eu quero baile funk
De 1100, rolê vai adiante. (MC DALESTE, 2021)

O funk paulista hoje mescla referências cariocas, hip hop e sertanejo universitário, dando origem ao novo subgênero funk consciente. Este estilo traz letras focadas em temas sociais, como pobreza, violência, drogas e a vida nas favelas, abordando essas questões com uma visão crítica e, por vezes, motivacional. Nomes como MC Hariel, MC Ryan SP, MC Pedrinho e MC Davi são muito importantes para caracterizar o atual cenário paulista.

Há quanto tempo a paz não anda por aqui?
Há quanto tempo a gente sofre na mão dos partido rico?
Há quanto tempo a gente morre sempre por engano?
Há quanto tempo a tranca canta pra um favelado?
E será que a cadeia chega pra quem realmente tá roubando?
E o povo cansado de achar bala perdida

A violência de vocês gera essa revolta
De quem devia tá cuidando e tá oprimindo
De quem devia proteger e já virou perigo. (MC HARIEL; MC NEGUINHO DO
KAXETA; LELE JP, 2020)

Fotografia 5 - Baile do Pantanal (Zona Sul de São Paulo)



Fonte: Terra, 2023.

A gravadora e produtora audiovisual de funk KondZilla, fundada em 2012, ajudou a lançar diversos MCs que futuramente se voltariam referências, como MC Kevinho, MC Lan e até mesmo Anitta. A produtora ficou conhecida por lançar videoclipes de excelente qualidade, ajudando ainda mais no crescimento de artistas do funk. Recentemente, em 2019, a gravadora ajudou a produzir a série lançada pela Netflix, “Sintonia”, que acompanha a vida de três jovens paulistas e retrata as situações vividas pela juventude periférica com grande sucesso. Um dos protagonistas é interpretado por MC e ator Jotapê, que na trama é Doni, um garoto que sonha em ser MC de funk e busca alcançar a tão sonhada fama — situação que muitos jovens periféricos vivem e desejam. A KondZilla produziu a trilha sonora da série, ajudando inclusive o próprio Jotapê, que na época era conhecido por sua carreira como ator, mas tinha pouca fama no mundo do funk, ao se consagrar na cena.

Dentro da favela onde eu nasci
Valeu pai pela motivação
Ah, como eu queria que o senhor tivesse aqui
Mas eu fui em frente e persisti
Sei que vou conseguir meu sonho realizar
Estourar no funk e explodir
E fazer aplaudir quem gostava de criticar . (MC DONI, 2019)

Hoje, o funk paulista vem ganhando notoriedade também graças aos DJs, como o DJ Arana, que realiza grandes bailes nas periferias paulistas, frequentados por muita gente jovem, como o Baile de Favela no Elisa Maria, bairro onde cresci. É evidente a influência do funk na moda da quebrada. Diferente dos cariocas, que preferem roupas justas, os funkeiros paulistas pegam emprestado o estilo streetwear, com roupas largas, tênis de marca e os famosos "kits", como são chamados os conjuntos completos de roupas das marcas Nike, Cyclone, Planet Girls e Crispim, além de acessórios como relógios de marca, pulseiras e correntes de prata, boné de aba curva e os tão conhecidos óculos modelo Juliet, que possuem lentes refletivas e coloridas.

Fotografia 6 - Moda Baile Paulista



Fonte: Eternitysx, 2022.

Há também uma forte influência do funk nas gírias paulistas. Os jovens funkeiros realizam praticamente um novo dialeto para se comunicar, utilizando

palavras com diferentes significados. A KondZilla chegou a gerar uma tabela, ao lançar "Sintonia", para traduzir a linguagem funk.

Imagem 7 - Dicionário de Gírias

recordslove 2.6M seguidores Ver perfil

NETFLIX
SINTONIA
KondZilla

DICIONÁRIO DE GÍRIAS

"NA BALA" DISPOSTO	"LIGA NOIS" COMTA COMIGO	"FERRO/PEÇA/BERRO" ARMA	"BANCA" QUADRILHA	"DESACERTO" DISCUSSÃO	"IDEIA" RESOLVER
"NA MALDADE" MÁ INTENÇÃO	"MOIADO" SEM CHANCE	"BANDECO" COMIDA	"PASSA A VISÃO" BICA/CONSELHO	"MEIO PAH" INDECISO	"VENENO" SUFOCO
"BRECADO" PROIBIDO	"INDEPENDENTE" SEM DESCULPAS	"POUCAS IDEIA" NÃO QUERO SABER	"MONSTRÃO" CORAJOSO	"GOMA" CASA	"RESUMO" SEXO
"0800" DE BRANÇA	"MEU PESSOAL" FAMÍLIA	"É QUENTE" VERDADE	"SEM VISÃO" DESRESPEITOSO	"BIRIRI" CELULAR	"JET/PIÃO" PASSEIO
"EMBRAZAR" CURTIR	"TIRAR UNS DIA" IR PRESO	"CHAVE" ESTILO	"DESELEGANTE" VERDONHOSO	"BARCA" VIATURA	"PERRECO" ENCRENCA
"BONADO" CHEIO DO DINHEIRO	"RAMELAR" VACILAR	"POUSADO" OLHAR MUITO	"BRACÃO" PILOTO RUIM	"BROTAR" APARECER	"EMOCIONADO" ANSIOSO
"CACHORRO/ALIADO" PARCEIRO	"SALVE QUEBRADA" CUMPRIMENTO	"DUCHA" BANHO	"COROA/RAINHA" MÃE	"PISANTE/BUT" TÊNIS	
"TO NA B" PRÓXIMO	"GORÓ" BEBIDA	"NA HUMILDADE" FAZENDO FAVOR	"CORTE" GOLE	"LOJINHA" BIQUEIRA	"AGRADECE" OBRIGADO
"RATO" LADRÃO	"VENENO" SUFOCO	"CAMINHADA" RUMO/CRIME	"MENÓ" PESSOA	"ZÉ PORVA" FOFOQUEIRO	"FIOTTI" INICIANTE NO CRIME

Ver mais no Instagram

58.154 curtidas
recordslove

"Eai, menô! Firmão? Esse post aqui é dedicado pros boyzão/boyzona que não entendeu metade das gírias da série" 😂 Marca aquele seu amigo que precisa salvar esse post pra entrar no clima de @sintonia 🍑 #sintonia

Ver todos os 2.201 comentários

Fonte: Records Love, 2019.

Sendo assim, o funk paulista atravessa não só a arte, mas também o cotidiano de jovens periféricos, influenciando diretamente seu modo de ver e agir no mundo. Com claras referências à ostentação, o funkeiro de São Paulo quer sonhar

grande, usa roupas caras e frequenta espaços ocupados pela elite, mas sem deixar de referenciar seu local de origem.

Olha nós voando acompanhando a mídia
Menó breck todo tatuado
Que ainda é a cara do enquadro
Em cima do palco é lição pros gravata e camisa
Avisa pros mano de capa
Que os cara de lupa é a kryptonita: (MC HARIEL; KYAN, 2024)

3 QUEBRANDO PRECONCEITOS - A CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK

Tendo em vista todo o contexto histórico relacionado ao funk e os principais precursores do ritmo sendo pessoas periféricas, não é difícil imaginar que o preconceito social ligava o funk à criminalidade crescente das ruas brasileiras. Ao mesmo tempo que o som ganhou destaque, também se consolidou o tráfico e o crime. Os chamados "Arrastões de Ipanema" ajudaram a aumentar o preconceito contra os jovens consumidores da cultura funk, uma vez que esses bailes ficaram próximos a esses crimes.

Um dos fatores que ajudaram a alimentar os olhares violentos das classes mais altas que acusavam pretos, pobres e funkeiros de cometer crimes foi o lançamento do "Rap das Armas", de Cidinho e Doca. Eles, que outrora disseram que "só queriam ser felizes na favela em que nasceram", acabaram sendo usados pela elite para interligar os bailes funk ao tráfico, afirmando que os próprios artistas estavam encobrindo e realizando crimes.

Morro do Dendê é ruim de invadir
Nóis, com os Alemão, vamo se divertir
Porque no Dendê vô te dizer como é que é
Lá não tem mole nem pra DRE
Pra subir aqui no morro até a BOPE treme
Não tem mole pro exército civil, nem pra PM
Eu dou o maior conceito para os amigos meus
Mas Morro Do Dendê também é terra de Deus .(CIDINHO; DOCA, 1995)

Não podemos negar que, por muitos momentos, essa sentença foi uma realidade. Visto que, no contexto social onde não há oportunidades de ascensão, os jovens periféricos passam pela criminalidade e as facções criminais como sua única alternativa de sobrevivência. A própria série Sintonia retrata o jovem Nando, protagonizado pelo ator Christian Malheiros, que, mesmo tendo seu melhor amigo, um cantor famoso de funk, acaba entrando para o mundo do crime e se envolve com uma facção criminosa. Isso se dá pela sua condição social, mais precária que a dos outros dois jovens protagonistas, e pela sua cor de pele, já que Nando é o único negro do trio. Se até em uma ficção a diferença fica evidente, na vida real é ainda mais forte.

Em decorrência dessa ideia de que todo funkeiro é um criminoso, a repressão marginalizou ainda mais o funk, e a violência policial, que até os dias atuais invadem e agride consumidores do ritmo musical, moradores da periferia e comerciantes da região, muitas vezes leva à morte de jovens favelados, em sua maioria negra. Um exemplo disso é o Massacre de Paraisópolis, onde, em 2019, policiais tiraram a vida de nove jovens que frequentavam o famoso Baile da DZ7, na zona sul de São Paulo.

Imagem 8 - Reportagem Massacre de Paraisópolis

g1
SÃO PAULO

Caso do 'Massacre de Paraisópolis' completa 4 anos sem decisão da Justiça sobre 13 PMs acusados de matar nove jovens em baile funk

Policiais são réus acusados de participar do homicídio de vítimas que se divertiam em festa na Zona Sul de São Paulo. Crime ocorreu em 1º de dezembro de 2019. Justiça ouvirá testemunhas do caso no dia 18 para decidir se levará PMs a júri popular. Eles respondem em liberdade.

Por Kleber Tomaz, g1 SP — São Paulo
01/12/2023 04h01 · Atualizado há 10 meses

Jovens mortos em Paraisópolis — Foto: Arte/TV Globo

Fonte: Tomaz, 2023.

Infelizmente, mesmo fora do contexto da comunidade, por conta de sua vestimenta, dialeto e expressões de identidade, jovens funkeiros sofrem a repressão da sociedade. A concepção de funkeiro como criminoso em nossa sociedade foi naturalizada, tornou-se senso comum. O que torna fácil associar o funk a um estereótipo é justamente a cor e a classe social daqueles que cresceram tendo o funk como referência. Criminalizar o funk hoje e ligar todos dentro do movimento ao crime está totalmente atrelado ao racismo. O movimento surgiu da cultura negra e cresceu junto à comunidade periférica, consolidando-se graças às figuras pretas e,

até hoje, seus principais nomes são pretos. O funk é preto e marginal, essas duas palavras são transformadas na cabeça de preconceituosos e se tornam um só: criminosos.

Engana-se quem acha que só fora das favelas há preconceito com o movimento funk. Não é incomum ver pessoas periféricas, principalmente mais velhas, abominando o funk enquanto ritmo, dança e movimento social. No ano de 2017, o Senado rejeitou um projeto de lei que pedia a criminalização do funk. Proposto e enviado em janeiro daquele ano por Marcelo Alonso, um morador de um bairro da zona norte de São Paulo, a ideia teve 21.985 assinaturas de apoio no Portal E-cidadania. Com viés extremamente preconceituoso, a proposta dizia:

É fato e de conhecimento dos brasileiros, difundido inclusive por diversos veículos de comunicação e internet com conteúdos podres (sic), alertando a população e o poder público do crime contra a criança, o menor adolescente e a família. Crime de saúde pública desta 'falsa cultura' denominada funk.

Mesmo com o projeto de lei não passando, fica nítido que há, sim, uma criminalização do funk, visto que muitos MCs são detidos e investigados por crimes de apologia ao crime e associação ao tráfico de drogas. Muitas vezes, as acusações se provam injustas, como o caso de 2021, em que seis funkeiros foram detidos e logo após liberados sobre tais acusações. Dentre eles, MC Hariel se pronunciou nas redes sociais, dizendo: "Eu não tenho nada a ver com o errado, a minha caminhada é limpa, é reta. Minhas músicas falam o que eu tenho para dizer". Outro acusado foi MC Ryan, que se pronunciou: "MC não é bandido, nós queremos fugir dessa realidade de polícia, nós queremos cantar. Orem pela massa funkeira".

De fato, como moradora de uma comunidade onde acontece um dos mais conhecidos bailes funk, digo que para o morador comum, que trabalha no dia seguinte ao baile, o som extremamente alto e as motos constantes podem atrapalhar o sono. Muitas vezes, por consequência da festa, temos que caminhar até a avenida mais próxima para pegar o ônibus para casa ou trabalho, pois em dia de baile as ruas são completamente ocupadas, além da sujeira deixada por alguns frequentadores. Mas também digo que muitas comunidades adotam soluções para que os moradores não sejam tão prejudicados, como em maio de 2024, quando o perfil oficial dos organizadores do Baile do Elisa Maria no Instagram publicou uma nota oficial proibindo temporariamente os bailes no bairro devido a comportamentos exóticos à comunidade.

Imagem 9 - Nota Oficial



Fonte: Mandelão do Eliza, 2024.

Mas a pergunta que fica é: por que o lazer e a diversão do pobre favelado são considerados crimes? Essa questão apenas afasta futuros artistas do funk por medo de pertencer a esse mundo.

Por outra via, no dia 30 de julho de 2024, foi aprovada a lei que institui o dia 12 de julho como Dia Nacional do Funk. Um passo otimista para a descriminalização do funk.

LEI Nº 14.940, DE 30 DE JULHO DE 2024

Institui o Dia Nacional do Funk.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Funk, a ser celebrado, anualmente, no dia

12 de julho, em todo o território nacional.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 30 de julho de 2024; 203º da Independência e 136º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Silvio Luiz de Almeida (Brasil, 2024)

3.1 FUNK E EROTISMO: A DANÇA QUE QUEBRA TABUS E CELEBRA A LIBERDADE

Outro estigma amplamente divulgado sobre o funk é a erotização de jovens, devido ao fato de que uma dança atrelada ao estilo musical envolve sensualidade, rebolado e movimentos ligados a atos sexuais, há letras de músicas extremamente sexualizadas, conhecidas como "Proibições", mas não deveria ser surpresa que, dentre as temáticas que popularizaram o funk em sua origem, o erotismo se destacou. Tendo em vista que o ritmo cresceu graças à juventude, à puberdade, em conjunto com a situação social, faz com que muitos hiper-sexualizem os corpos, levando as letras a se aproximarem, muitas vezes, do assédio sexual em vez do consentimento.

No contexto do baile funk, é fato que muitos vão em busca de prazer sexual, mas, mais uma vez, é irresponsável estereotipar toda uma cultura por conta de uma parcela. Em contrapartida aos funks proibidos, temos o funk consciente, o funk ostentação, o funk melody e outros subgêneros que têm abordagem na batida montada pelo DJ, como os 150 bpm, MTG e Montagem.

As mulheres rebolam, e isso não é vanguarda, isso não é um privilégio do tempo presente, é um fato. Mulheres rebolam, mulheres rebolam por muitos motivos, e o principal deles é que a gente gosta. [...] as mulheres rebolam porque quando a gente rebola a vagina fica lubrificada. (Machado, 2020, p. 34 a 35).

Na verdade, o rebolar está ligado ao sexo, como Taísa Machado defende em seu livro. Ela argumenta que o rebolar nasceu em diversas culturas milenares, sendo que o principal berço vem das tribos africanas que até hoje cultivam a dança. Isso atrelam novamente o funk à cultura preta. Segundo Taísa, ao rebolar com frequência desde muito jovem, a mulher cis se prepara para o parto, tornando-se mais lubrificada e facilitando os movimentos de dar à luz. Não é à toa que muitas doulas sugerem planos para movimentar o quadrilátero em círculos para gestantes. Assim, sim, os movimentos de dança do funk estão ligados à sexualidade, mas essa conexão deve ser vista como uma forma de liberação sexual e uma proximidade com raízes ancestrais.

Vejo que aquelas meninas de 13 anos [...] desenvolveram danças que mudaram o jeito de transar das pessoas. E ninguém considera aquilo um saber. [...] Mostrar que nas formas descolonizadas de dança existe muita

sabedoria, e as mulheres levam esse aprendizado para lugares que vão muito além da pista de dança. (Machado, 2020, p. 34- 35)

Taísa diz que a dança do funk é de fato ligada ao sexo, e defende que quando uma jovem adolescente dança ela está passando um saber, que devemos ver isso como conhecimento para assim, mulheres de todas as idades e classes sociais - como suas alunas brancas de 50 anos, levarem uma vida sexual mais qualitativa, conhecendo e tendo domínio do seu próprio corpo. Entretanto, em um trecho, a funkeira e professora de dança aponta um grande problema na indústria: o assédio sexual sofrido por dançarinas de funk. Ela afirma que infelizmente homens se aproveitam do empoderamento sexual que as meninas exploram e do contexto social para se achar no direito dos corpos das performers, infelizmente ainda existe uma grande luta pela frente para que mulheres dominem seu espaço no funk e possam ser livres para rebolar e o primeiro passo são as meninas entenderem e enxergarem seu lugar no mercado.

Mas o que eu gostaria, principalmente em relação à dançar e ao funk, é que mais meninas pretas, periféricas, faveladas possam perceber o poder que aquilo tem. [...] Fazer elas entenderem que elas não chegam nem perto de serem tratadas como deveriam.[...] O passinho ainda não é tratado como as outras danças. Mas os meninos já tem DRT. Mas as meninas que dançam são assediadas. O DJ, o produtor, sei lá, ainda vai passar a mão nela [...] (Machado, 2020, p. 52).

Por outro lado, posso afirmar que, se alguém não deseja se aproximar da sensualidade, existem diversos passos de dança que surgiram do funk e não envolvem o erótico. Um exemplo é o passinho carioca, caracterizado pelo gingado e a progressão dos pés. Esse estilo ganhou notoriedade mundial graças ao grupo Dream Team do Passinho, que se apresentou na cerimônia de abertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014, e ao recente sucesso nas redes sociais do grupo de jovens cariocas Passinho da Kenner.

Fotografia 10 - O Passinho



Fonte: Poderosos Pretos, 2024.

3.2 VOZES FEMININAS QUE TRANSFORMAM A QUEBRADA

Ao afirmar qual a temática defendida em meu trabalho de conclusão de curso, muitos questionaram: "Mas o funk não é extremamente machista?" E, de fato, é. Assim como toda a nossa sociedade foi fundada em ideais machistas, os movimentos artísticos também foram influenciados por essas ações, e no funk isso fica evidente, especialmente por causa da erotização. No entanto, não é justo desmerecer os grandes nomes femininos do funk; É importante considerar que esse cenário não só pode mudar, como já está mudando.

Cinco anos depois do DJ Marlboro lançar o primeiro disco de funk brasileiro, surge na cena a nossa primeira mulher: MC Cacau. Ela foi a única mulher em concursos, destacando-se em um ambiente extremamente machista. Cacau alavancou seu nome ao gravar o hit de MC Neném, "Rap do Baile". Embora tenha se tornado conhecido pelo seu casamento com MC Marcinho, o Príncipe do Funk, o MC também coleciona sucessos com primeiras letras de viés mais românticas, como "Flores" e "Porque Te Amo".

Fotografia 11 - MC Cacau



Fonte: Stabile, 2023.

Foi numa roda de amigos eu te conheci
e o seu rostinho lindo jamais eu esqueci
e a nossa amizade foi tornando uma paixão te colocando no meu coração
porque te amo e quero você sempre aqui
a vida da voltas e o destino trouxe você para mim. (MC CACAU, MC
MARCINHO, 1998)

Outra mulher considerada pioneira no funk foi a MC Ellu. Um álbum intitulado "Fábricas de Ritmo" de 1992 reuniu diversos artistas do funk de Belo Horizonte, Minas Gerais, provando que a cena do funk na década de 90 não estava apenas nas ruas cariocas, dentro deste álbum havia a faixa "Tira a Mão de Mim" a música protesto de MC Ellu que falava sobre empoderamento feminino e luta pelo direito das mulheres. A canção que deveria estar do disco Funk Brasil, porém a história de Ellu tem um fato trágico, em 1988, Ellu foi abusada sexualmente por DJ Marlboro - que coleciona denúncias de abusos. A jovem de 17 anos foi induzida pelo DJ a entrar em seu carro, sob a premissa que seria levada para casa, ao invés disso Marlboro a levou para um motel onde o fato aconteceu. Após o ocorrido o DJ havia prometido que ela faria parte do disco, porém isso não aconteceu. A MC então produz, junto ao seu namorado da época, a faixa "Tira a Mão de Mim" escancarando a dominância masculina na cena.

Fotografia 12 - MC Ellu



Fonte: Albuquerque, 2022.

Não tem conversa mole que agora me enrole
Quem pagar pra vacilar eu chamo de bunda mole
Querendo de mansinho mostrar o passarinho
Gaiola está fechada assim. (MC ELLU, 2022)

As funkeiras inspiraram muitas mulheres a enfrentarem o machismo e a se inserirem no movimento. Uma das mais conhecidas e que não deixou de ser mencionada é Valeska Popozuda, que escreveu suas letras como resposta ao discurso machista, reafirmando sua sexualidade e falando explicitamente sobre sexo, usando palavras de duplo sentido. Dessa forma, ela se igualou aos temas envolvidos nos funks masculinos.

Essa atitude caracteriza a segunda geração de mulheres no funk, que muitas vezes eram marcadas e estereotipadas por "dizer o que os homens da indústria querem". As letras frequentemente se enquadram no Funk Proibidão ou faziam referência a disputas femininas, perpetuando a rivalidade entre mulheres. Um exemplo disso é o hit de MC Katia e MC Nem, "Duelo 2", que é uma resposta ao hit de MC Katia, "Dá Palinha de Hematoma". A canção narra a história de duas mulheres — uma traída e a amante — que disputam a atenção de um homem.

Fotografia 13 - MC Katia e MC Nem



Fonte: Duelo 2, 2011.

-Vou dar palinha de marquinha...
 -Vai dar palinha de hematoma...
 -Quem é você o sua chifruda?
 -Vou te mostrar sua safadona!
 - Você tem que se contentar que ele nunca vai ser só seu...
 -Mas para tê-lo do seu lado tem que ser mais mulher que eu! (MC KATIA; MC NEM, 2006)

Mais nomes da segunda geração do funk feminino incluem Tati Quebra Barraco, MC Dandara e Deise Tigrona. Apesar das questões muitas vezes polêmicas, é impossível enfatizar a importância dessa geração.

A terceira geração do funk feminino cresceu rapidamente, impulsionada pelo acesso à internet. Na volta de 2010, artistas como MC Carol, Ludmilla, Bonde das Maravilhas, Anitta e Pocca ganharam destaque nas redes sociais. Enquanto as primeiras gerações afirmavam sua sexualidade, essas novas representavam manifestavam suas vontades e seu direito à sexualidade e aos seus corpos, cobrando respeito e igualdade de gênero.

O nome mais importante dessa geração é Anitta, uma artista que se tornou internacional e ajudou a popularizar o funk pelo mundo. A cantora iniciou sua carreira no Furacão 2000, como dançarina, e se tornou uma referência na dança.

Seu vídeo tutorial de como dançar o "Quadrado" foi um sucesso nacional e alavancou sua carreira. Muitas de suas músicas, assim como de outros artistas dessa geração, enaltecem a dança funk e descrevem passos de dança, além de valorizar o empoderamento feminino. Um de seus primeiros sucessos de sucesso nacional foi "Show das Poderosas". Hoje, Anitta se destaca como uma das artistas mais premiadas do Brasil, ganhando ao longo de sua carreira oito MTV Europe Music Awards, quatro Latin American Music Awards e três MTV Video Music Awards de Melhor Artista Latino do Ano, além de ser indicada uma vez ao Grammy Awards e oito vezes ao Grammy Latino.

Solta o som, que é pra me ver dançando
Até você vai ficar babando
Para o baile pra me ver dançando
Chama atenção à toa
Perde a linha, fica louca
Prepara!
Que agora é a hora
Do show das poderosas
Que descem e rebolam . (ANITTA, 2013)

A partir de 2019, surge a mais nova geração do funk feminino, conhecida como "Faixa Rosa". Essa nova vertente é caracterizada por mulheres independentes, financeiramente bem-sucedidas, que não dependem de ninguém para seu sustento e se posicionam de forma resoluta em relação à sua sexualidade. Entre os nomes mais conhecidos dessa geração estão MC Dricka, Baby Perigosa, MC Nick e MC Ingrid.

Destaco MC Dricka, nascida em Vila Nova Cachoeirinha, Zona Norte de São Paulo. Conhecida como "Rainha dos Fluxos", Dricka se interessou pelo funk muito jovem, aos 11 anos. Por conta disso, foi proibido entrar na casa. Após repetir de ano diversas vezes, a MC abandonou a escola no 9º ano, o que gerou brigas com sua mãe e resultou em sua expulsão de casa.

MC Dricka ganhou fama em 2019 com o sucesso da música "Empurra Empurra", que acumulou cerca de 20 mil visualizações no YouTube. A partir desse momento, sua popularidade só cresceu. Pessoalmente, lembro-me de me sentir muito bem ao ver uma mulher da minha região fazendo sucesso e crescendo cada vez mais.

Fotografia 14 - MC Drikca "Rainha dos Fluxos"

Fonte: PersonaUnesp, 2021.

E nós tem um charme que é dahora, dahora
Um sorriso que é de impressionar
E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
Eu que posso me bancar
Ó, de nave nós tamo a milhão
No baile chamando atenção. (MC DRICKA, 2020)

Estamos atualmente na quarta geração de mulheres que estão entrando e mudando a cena do funk. Seus efeitos já podem ser vistos até mesmo em letras masculinas, que agora mencionam consentimento, valorização das mulheres e empoderamento feminino. O movimento feminista no funk tem barreiras quebradas, e a cada dia as funkeiras ganham mais espaço e reconhecimento. O objetivo aqui é garantir que nenhuma outra mulher viva ou que MC Ellu tenha acontecido. É lamentável que ainda existam muitos abusadores escondidos dentro do movimento, e, infelizmente, figuras como DJ Marlboro continuam impunes.

Embora essa mudança seja gradual, nada impede que as futuras gerações do funk, tanto as letras escritas por mulheres quanto por homens, adotem ainda mais o feminismo e afastem a cultura funk definitivamente do machismo. Afinal, a própria

cultura popular das periferias abomina qualquer tipo de crime contra a mulher; basta trazer esse ideal para o funk.

Já existem exemplos de funk consciente que valorizam as mulheres e até mesmo o funk proibidão que passou a usar expressões como "Se você quiser" ou "Perguntei se ela queria". Embora pareça básico, isso representa um grande passo.

Sonhamos com o dia em que as mulheres possam estar livres das garras machistas dentro do movimento, tendo total controle sobre seus corpos e sua sexualidade, e recebendo cachês tão altos quanto os homens do funk.

Então me olha e me respeita, me olha e me respeita, porra
Me trombou no baile, me olha e me respeita
Então me olha e me respeita, me olha e me respeita, ó
Me trombou no baile, assim, ó
Não sei qual é o problema se eu nasci bonita
Nem quero saber se isso te faz minha inimiga
Não sei qual é o problema se eu nasci bonita
Nem quero saber se isso te faz minha inimiga. (MC DRICKA, 2020)

4 NA VOZ DOS CORRE: O FUNK COMO SALVAÇÃO

Quando dizemos que o funk salva vidas, não é difícil encontrar diversos MCs e DJs famosos que se relacionam, seja em entrevistas ou em suas músicas, as dificuldades enfrentadas durante a infância e a grande probabilidade de se envolver com o crime devido às suas condições financeiras e sociais. Um exemplo disso é MC Hariel, conhecido como Haridade. Nascido e criado na Vila Aurora, zona Norte de São Paulo, Hariel teve seu pai como referência musical e, rapidamente, aos onze anos, iniciou sua trajetória no funk, tornando-se um dos artistas mais respeitados do gênero.

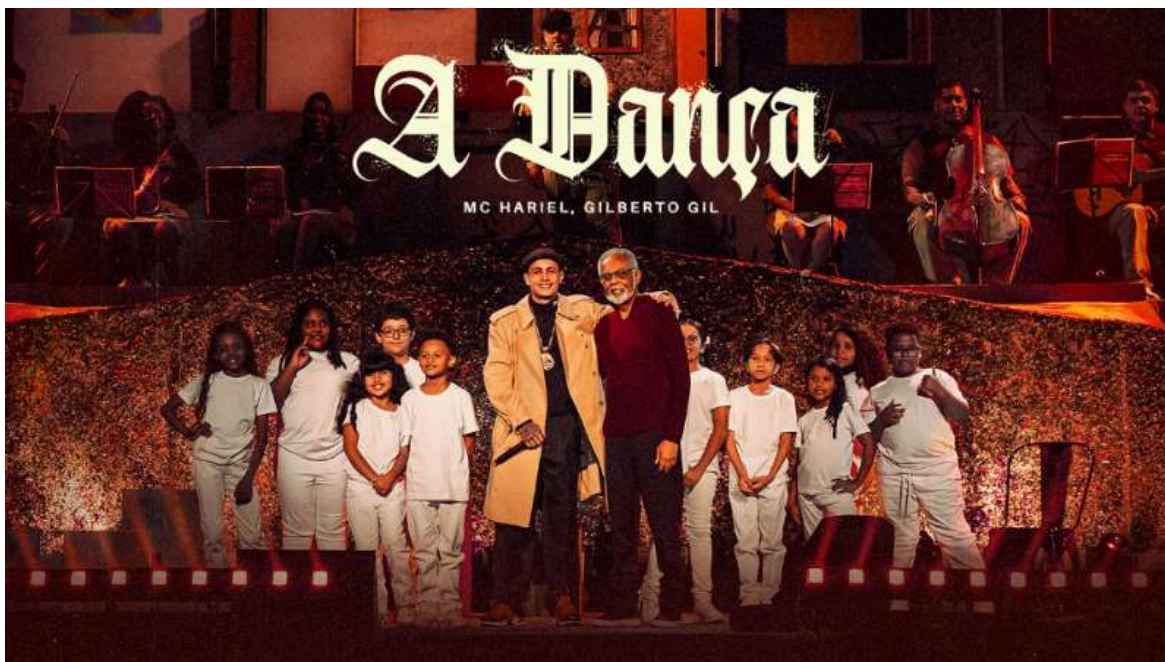
Em uma entrevista ao site Terra, Hariel afirmou que nunca teve interesse no mundo do crime. Um caminho diferente o chamou mais alto. Em suas palavras, Haridade diz:

Fui um moleque que não pegou nenhuma mala de droga mesmo com todo o acesso que eu tinha pra isso. Nunca quis roubar ninguém, colocar revólver na cara de ninguém mesmo com todas as facilidades. Estive do lado de amigos que seguiam esse caminho [do crime], nunca julguei. Por isso que coisas relacionadas a dinheiro eram muito distantes pra mim. Porque eu não ganhava dinheiro o suficiente e também não me rendia. (MC HARIEL, 2023)

Hoje, MC Hariel vê o funk como uma forma de transmitir mensagens e informações ao grande público. É por isso que suas composições, especialmente em seu mais recente álbum "Funk Superação", buscam abordar temas do funk consciente e aproximar diferentes públicos. O álbum conta com participações especiais de artistas como MC Luki, MC IG, MC GP, MC Marks, Gilberto Gil, IZA e Péricles.

A faixa intitulada "A Dança", que conta com a participação do renomado mestre da Música Popular Brasileira (MPB) Gilberto Gil, está incluída no álbum. Essa colaboração demonstra que a barreira imaginária entre o funk e a música popular, muitas vezes considerada mais refinada, foi quebrada. Na música, Hariel narra a dura realidade da favela e como o funk o salvou, enquanto Gil, por sua vez, afirma: "Veterano na cidade, me encontro funkeando em contramão".

Imagem 15 - A Dança



Fonte: A Dança, 2024.

Diversas vezes duvidei de mim, achei que o fim era adiante
 Porém, a fé me trouxe aqui, graças a Deus, ao funk
 Combustível pra prosseguir, cantar memo ofegante
 No meio de tanta incerteza, ser mais confiante
 É fato que o fácil vai fácil, difícil é entender
 Quando a necessidade chama pra te corromper
 Quando a paisagem num é tão bela que nem a TV
 Quando o sorriso não é de graça quando é pra você. (MC HARIEL;
 GILBERTO GIL, 2024)

Outra canção de Hariel no gênero funk consciente que aborda as dificuldades que ele e outros venceram é "Ilusão (Cracolândia)". Nela, o MC, em parceria com MC Ryan SP, MC Davi, Salvador da Rima e Alok, critica o uso de drogas e incentiva jovens viciados a buscarem ajuda profissional. Essa música traz um peso pessoal para Hariel, já que seu pai, o mesmo que o incentivou na música, faleceu devido à dependência química e ao uso de entorpecentes.

MC Hariel acredita que o funk tem criado mais artistas e ídolos, promovendo uma elevação da autoestima nas comunidades. Ele também incentiva que outras culturas periféricas, como os "meninos do grau", possam desempenhar esse papel. No dia 8 de novembro de 2023, o funkeiro realizou uma aula aberta na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) com o objetivo de refletir filosoficamente sobre seu álbum lançado no mesmo ano, "Alma Imortal". Durante a aula, ele apresentou

sua jornada criativa e trouxe uma perspectiva do funk como uma ferramenta de informação e conhecimento oral. Sobre sua experiência, também para o Terra, Hariel diz:

Pensava que faculdade era bagulho de boyzão. Nunca imaginei que eu ia chegar lá e ver gente da quebrada ali. [...]
Mano, eu nunca tinha entrado em uma faculdade. Sei que tem que mudar muito ainda, mas eu fiquei feliz com o que eu vi. Pensei que nós [da quebrada] íamos ser uma minoria esmagadora. Ainda é a menor parte, mas o suficiente pra mostrar que a gente tá vivo. (MC HARIEL, 2023)

Fotografia 16 - Hariel na UNICAMP



Fonte: Gabriele, 2023.

A importância da figura do funkeiro MC Hariel em uma universidade pública, não como aluno, mas na função de um professor provocador de debates, teve um impacto significativo em diversos jovens periféricos, incluindo eu, ao nos vermos neste espaço, começamos a nos interessar mais pela cultura funk e a buscamos descobrir que a universidade é, sim, um espaço que também pertence à favela.

Um exemplo marcante dessa representatividade nas universidades públicas é Thiago Torres, conhecido como Chavoso da USP. Formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Chavoso ganhou notoriedade nas redes sociais ao denunciar as desigualdades sociais e raciais que perderam durante sua formação, apresentando-se como um favelado que vive e expressa a cultura da favela. Hoje, ele é um símbolo de resistência da favela na educação.

Fotografia 17 - Chavoso da USP



Fonte: Chavoso da USP, 2022.

Não faltaram exemplos de funkeiros que superaram as expectativas sociais e se tornaram grandes ídolos para muitos jovens artistas: MC Hariel, o finado MC Kevin, MC Davi, MC Dricka, Anitta, Ludmilla, MC Cacaú, entre outros.

Na minha infância e adolescência, assim como muitos jovens periféricos, meus pais decidiram me enviar para estudar em bairros próximos, uma vez que as escolas públicas nas áreas periféricas são precárias. Essa escolha fez com que eu cursasse o ensino médio com pessoas de uma classe social muito diferente da minha. Durante o ensino fundamental, a maioria dos meus colegas também vieram de lugares semelhantes ao meu, e eu me lembro claramente de colegas, principalmente meninos, cantando e dançando funk. Essa manifestação foi imediatamente reprimida pelos professores, inclusive pelos de Educação Artística, que proibiam qualquer referência ao funk em sala de aula. Ser da favela era visto como sinônimo de "maloqueiro".

Ao passar no Vestibulinho da ETEC (Escola Técnica Estadual) na unidade Albert Einstein, localizado no bairro da Casa Verde, me vi cercada de colegas de

colégios particulares, e aqueles que vinham de escolas públicas não eram de periferias como a minha. Apenas um aluno, o finado Lucas Campos, conhecido como Sadão, vinha de um lugar como o meu. Lucas era uma personificação da favela; sua maneira de se vestir e se portar refletia isso, e muitas vezes ele era alvo de ridicularização. Eu não me via assim, não me vestia de forma semelhante, mas senti uma proximidade com Lucas, e juntos nós ajudaríamos nas lições de casa mais complicadas. Sadão estava sempre cantando funk, o que resultava em repreensões constantes dos professores. Ele falava em gírias, pintava o cabelo de branco todo final de ano, usava roupas largas, claramente imitações de marcas famosas, óculos Juliet e tênis Mizuno. Eu não fazia nada disso, mas alunos de outras turmas frequentemente nos chamavam de "breck", e, ao questionar um amigo de outra turma, descobri que a escola também me via dessa forma. Eu me percebia como parte da favela.

Refletindo sobre essas vivências, fico triste ao receber notícias de ex-colegas do fundamental que se envolveram com o crime e hoje estão presos ou em risco de morte nas ruas, ou quando eu me deparo com eles nas redes sociais reclamando de trabalhos precários e de situações socioeconômicas que não mudaram muito desde a oitava série. Penso também em Lucas e no seu potencial, caso ainda estivesse vivo. Isso me leva a questionar o que poderia ter acontecido se suas práticas artísticas e culturais ligadas ao funk tivessem sido incentivadas, em vez de julgadas.

5 FUNK NA ESCOLA: BATENDO DE FRENTE COM O SISTEMA

Quando jovem, aprendi nas aulas de educação artística que Artes Plásticas se refere a quadros de artistas já falecidos, como Leonardo da Vinci, Van Gogh e Michelangelo; que teatro era Shakespeare; que dança era sinônimo de balé; e que música se restringia à erudita. Mas e quanto às manifestações artísticas que eu via todos os dias no Elisa Maria, a periferia onde cresci, na Zona Norte de São Paulo? E os grafites e pixos nas paredes? Eles não são arte? E o samba? E o funk? As produções artísticas dos pobres não são reconhecidas como arte; são rotuladas como lazer, e essa é uma forma de invisibilizar a favela.

Artistas funkeiros têm, inclusive, incorporado em suas batidas elementos da arte erudita como forma de valorização. Um exemplo é MC Fioti, que utilizou um trecho de flauta de "Partita em Lá Menor", composição do alemão Bach de 1723, em seu hit "Bum Bum Tam Tam". Essa música chegou a ser adaptada durante as campanhas de vacinação contra a COVID-19 em 2020, com o nome alterado para "Vacina Butantã". Essa ação atraiu diversos artistas para fazer mesclagens entre funk e música erudita, permitindo que jovens músicos periféricos, que em algum momento foram incentivados a se distanciar do ritmo, pudessem retornar às suas raízes faveladas.

É a vacina envolvente que mexe com a mente
De quem tá presente
A vacina é saliente
Vai curar nós do vírus e salvar muita gente
Aí eu falei assim pra ela, óh
(Aí eu falei assim pra ela)
Vai, vai no Bubutantã
Vem no Bubutantã, tã. (MC FIOTI, 2021)

Cada vez mais, o funk vem ganhando espaço, e DJs têm realizado shows de sucesso por toda a Europa. Artistas estão elevando o funk brasileiro no cenário internacional, com países estrangeiros valorizando e elogiando esse estilo musical, registrando todas as nuances e talentos dos produtores, que foram premiados por seus videoclipes e trabalhos. Estamos cansados de ver nas redes sociais pessoas "imitando" o estilo de vestimenta e até mesmo o dialeto da cultura funk. A mídia tem contribuído para isso, criando séries de televisão com temáticas relacionadas ao funk, como em "Sintonia", protagonizada pelo funkeiro Jottapê, ou quando os atores

britânicos da série "Bridgerton" foram convidados a participar de um baile funk usando vestimentas da época regencial. Então, por que o funk não é considerado uma arte "rica" no Brasil, é aclamado internacionalmente? A chamada Síndrome do Vira-Lata faz com que muitos brasileiros não enxerguem suas produções como qualitativas, afastando-nos ainda mais de nossa cultura.

A ideia central aqui é fazer com que nossos jovens exerçam seu lazer como arte, pois, de fato, é arte — tão rica quanto qualquer outra dado seu contexto de luta histórica. Quando chamamos o funk de arte, ajudamos estudantes marginalizados a se sentirem valorizados e representados. O funk brasileiro fez algo surpreendente com o funk estadunidense: ele o transformou. Hoje, há enormes diferenças entre os dois, tanto sociais quanto rítmicas e temáticas, o funk brasileiro se destaca por sua originalidade, constantemente se renovando.

Ao inserir o funk no sistema formal de educação, todos esses preconceitos emergem, especialmente porque é evidente que uma grande massa repudia o funk, principalmente pessoas mais velhas. A ideia de que seus filhos aprenderam na escola que o funk é uma forma de arte válida, rica e extremamente interessante assusta tanto a elite quanto as pessoas marginalizadas, gerando diálogos hostis entre professores que interessam trazer o assunto à tona e a direção da escola. Uma das ferramentas que os educadores devem utilizar ao propor o funk como arte é um planejamento bem estruturado, com um plano de aula claro que ensine o movimento como ação social, cultura e expressão artística.

Pesquisando, encontrei diversos exemplos de professores utilizando o funk como instrumento de ensino e incentivo, com propostas como "faça um funk com a temática da aula de História" ou "explique seu seminário no dialeto funk". Embora isso possa ser uma estratégia para romper o sistema, o funk não deve ser usado como uma ferramenta para alcançar outras disciplinas; o ensino das artes deve abordar o funk em sua essência, como um movimento artístico e cultural.

Durante minha graduação, tive a oportunidade de realizar um workshop de dança funk com meus colegas da licenciatura em Arte-Teatro na disciplina de Didática, lecionada pelo educador Bruno Canabarro. A proposta do professor era que formássemos grupos e fizéssemos uma aula para o restante da turma com uma das temáticas sugeridas pelo professor, o tema escolhido por mim se intitulava "Periferia Poesia", após isso, individualmente deveríamos entregar ao professor uma proposta de sequência didática sobre a temática e que incluísse a aula apresentada.

Nessa experiência, eu e minha colega Fernanda de Campos preparamos uma aula de dança com exercícios de movimentos básicos de quadris que naturalmente levam ao estilo do funk. Percebi que nossas raízes afro-brasileiras nos levam a movimentos semelhantes à dança do ritmo; até mesmo os colegas que não tinham tanto contato com o movimento conseguiam rebolar e se mover facilmente, acompanhando a batida e as letras das músicas. A escolha de músicas cujas letras descreviam exatamente os movimentos que eu solicitei (como "sobe", "desce", "empina") foi fundamental para o entendimento, como foi apontado pelo professor Bruno. Cabe ao educador fazer a escolha adequada das músicas em uma aula de dança funk. A partir dessa aula me senti inspirada a criar a sequência didática solicitada para o trabalho, que deveria incluir a cultura periférica como um todo, e após isso me senti inspirada em criar uma sequência baseada no funk.

Fotografia 18 - Aula de rebolar por Beatriz Terra e Fernanda de Campos



Fonte: A autora, 2024.

Faço aqui uma proposta de plano sequencial de aulas no ensino formal público para jovens do 9º ano do Fundamental II. Assim como está na proposta pedagógica de outras expressões artísticas, aos estudantes devem primeiramente ser ensinados o contexto histórico e social do funk. Eles devem entender que o funk faz parte de um movimento que está inserido nas comunidades brasileiras, que representa as periferias das quais muitos fazem parte e que é subdividido em mais

de uma categoria, como música e dança. Para essa primeira parte, proponho uma aula teórica. O educador deve apresentar videoclipes históricos, apontar as questões de machismo dentro das letras e explorar atividades como pesquisas em grupo por letras que indiquem os movimentos sociais referidos. Claro, tudo isso respeitando as diretrizes de ética do plano educacional e evitando letras explícitas e impróprias para menores de idade.

Em uma segunda aula prática, abordava o funk como dança. Para isso, é preciso que o professor estude em qual região sua escola está localizada e quais estilos são os mais populares. Vamos supor que a escola esteja situada na Zona Norte de São Paulo, onde é popular o passinho dos maloka, que consiste em uma série de movimentos sincronizados utilizando os ombros, cabeça e joelhos. Para essa aula, traria o funk 150 rpm ou o funk Montagem, que consiste majoritariamente em batidas sem letras. O passo a passo é gradual; fazendo alongamentos com os ombros, subindo e descendo os mesmos, o educador vai ensinando lentamente a dança. Com essa aula, nesta localização, é evidente que muitos alunos irão identificar as danças e passar seus conhecimentos para o restante da turma. O professor deve incentivar a todo momento que os alunos expressem sua arte no corpo, dando abertura ao improviso, as combinações de passos, uma criação de “coreografia” própria e individual do aluno. A Aula 2 da minha proposta se assemelha à aula aplicada aos meus colegas de graduação, com a diferença de que, como foi apontada pelo professor Bruno Canabarro, aquela aula foi montada para aquele público, com muitos recursos para alunos de graduação. É dever do educador fazer um estudo de campo e entender com qual turma e em qual contexto está trabalhando.

Na terceira aula, recomendamos explorar as criações dos alunos. Depois de deixar claro na primeira aula sobre a importância social do funk - evidenciar as vivências periféricas - eu dividiria os alunos em pequenos grupos e iria sortear temáticas, como, por exemplo, Pobreza, Ostentação, Respeito às Mulheres, Direitos Raciais e Afastamento da Criminalidade. Os alunos devem escrever uma letra de funk seguindo seu tema, podendo utilizar instrumentos musicais, aplicativos de mixagem e suas próprias vozes. Incentivo que os alunos gravem com seus celulares tanto áudios quanto vídeos, pois os mesmos serão utilizados em um trabalho final.

A quarta aula será a partir de uma prática coreográfica. Os mesmos grupos da aula anterior devem agora criar uma coreografia para suas músicas, aproveitando a

tecnologia. Incentivo que procurem referências em redes sociais como o Instagram e o TikTok; instigue os alunos a pensar que trecho de suas músicas iria "viralizar".

A quinta aula está se encaminhando para o trabalho final. Agora, os grupos devem criar um videoclipe para suas obras. O professor deve trazer referências de videoclipes famosos e gravadoras de sucesso. Os alunos devem usar os diferentes espaços da escola para gravar seus clipes e criar imagens que tragam imagens de sua comunidade e as coloquem nos clipes. Esse processo pode levar mais de uma aula, de uma a três, fica a classificação do professor.

Na aula final, os alunos irão expor para toda a turma suas obras, seus videoclipes e falar um pouco sobre como foi o processo e o porquê das escolhas de letras e imagens. Incentivo para que venham com acessórios que os representam; não deve se "fantasiar" de favela, mas sim se vestir como se sentir confortável. Os alunos devem entregar ao professor uma cópia por escrito da letra e do roteiro do videoclipe, e o professor deve incentivar que os estudantes postem os resultados de seus trabalhos nas redes sociais.

Sendo assim, minha proposta de um plano de aula para jovens do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola localizada na Zona Norte de São Paulo ficaria como segue abaixo:

Quadro 1 — Plano de Aula: Funk em Sala de Aula

Aula:	Tempo de Duração	Materiais	Descrição
Aula 1: Teoria do Funk.	50 minutos	Slides, projetor, caixa de som, videoclipes, acesso à internet e playlist previamente montada	Apresentação do professor sobre o contexto histórico e social do funk, citando grandes nomes e referências do ritmo.
Aula 2: Quebradinha	50 minutos	Caixa de som, playlist, roupas confortáveis, sala prática	Aula prática de dança: passinho de quebrada do ombro. Passo a passo da dança e incentivo a expressão corporal.
Aula 3: Funk Poesia	50 minutos	Lápis e caneta, papel, celular, instrumentos musicais, aplicativo de	Turma dividida em 5 grupos, haverá sorteio dos temas: Pobreza, Ostentação, Respeito às Mulheres, Direitos Raciais e Afastamento da Criminalidade, os grupos

Aula:	Tempo de Duração	Materiais	Descrição
		mixagem e acesso à internet.	devem escrever um funk na sua temática e gravar um áudio do mesmo.
Aula 4: Viraliza	50 minutos	Acesso à internet, sala pratica, roupas confortáveis, áudio da música previamente criada pelos grupos	Os alunos devem trabalhar nos mesmos grupos da aula anterior para criar uma coreografia da música criada pelos mesmos.
Aula 5: Clipe Musical	50 minutos	celular, acesso à internet, sala prática, acessórios e figurinos.	Os grupos devem criar um videoclipe das músicas criadas usando os espaços da escola, imagens da internet e de autoria própria.
Aula 6: Clipe Musical	50 minutos	celular, acesso à internet, sala prática, acessórios e figurinos.	Continuação da aula 5
Aula 7: Clipe Musical	50 minutos	celular, acesso à internet, sala prática, acessórios e figurinos.	Continuação da aula 5
Aula 8: Apresentação!	50 minutos	Projektor, sala teórica, caixa de som e acesso à internet.	Os grupos apresentaram os videoclipes para a turma como trabalho final, será questionado as escolhas das imagens e as motivações das escritas.

Fonte: O autor (2024).

Durante o ano, limitadamente, pude aplicar alguns conceitos do funk aos meus alunos de teatro do CEU (Centro Educacional Unificado) Freguesia do Ó. A turma é composta por adolescentes de 14 a 17 anos. A princípio, dei a oportunidade a eles de escolher quais músicas deveriam ser tocadas durante os jogos teatrais tradicionais. Como um som de fundo nas aulas sem jogos relacionados, percebi que, majoritariamente, o funk aparecia, então passei a propor variações de jogos de Viola Spolin e de Augusto Boal, incluindo o funk de forma sutil.

A primeira proposta envolvia ritmo. Os alunos deveriam andar pela sala tentando encontrar um ritmo coletivo no caminhar; utilizei uma batida do funk para auxiliá-los. No próximo passo, eles deveriam contar até 20, cada um declamando um

número em ordem solicitada de alunos, com o empecilho de que não deveriam falar o mesmo número ao mesmo tempo. Na próxima proposta, trouxe o jogo "Quem iniciou o movimento?", que consiste em formar uma roda. Um dos alunos se retira da sala brevemente, um segundo aluno deve ser escolhido para se movimentar livremente enquanto os outros o imitam. O primeiro aluno retorna à sala e deve descobrir quem iniciou o movimento coletivo. Neste jogo, observei que, ao utilizar o funk como base para os movimentos, apareciam coreografias e os alunos que conheciam esses passos da dança se entrosaram e ajudaram outros colegas a fazer o movimento correto e o mais próximo possível daquele que iniciou.

Uma outra proposta de jogo foi utilizar o funk como texto dramático. Separei trechos de letras adequadas para a idade dos alunos e houve um sorteio para saber qual "roteiro" ficaria com cada um. O objetivo era fazer uma cena de improviso, onde o texto dos atores seriam essas letras de funk; muitos já sabiam de cor as letras.

Visto as coreografias que possuíam em seus repertórios, passei a incluir mais o funk nos aquecimentos, colocando-o como base para improvisos corporais e alongamentos, incentivando que seguissem a música e o ritmo. Aos poucos, o funk ficou cada vez mais presente nas aulas. Assim, percebi que, em muitos momentos, os alunos queriam ensinar aos outros colegas seus conhecimentos na dança. Permiti que o fizesse, o que foi comprovado em uma maior identificação com as aulas e vontade de participar dos exercícios propostos.

Em meio a isso, tentava sempre dar uma contextualização histórica do funk quanto ao ritmo e movimento social. Como resultado, em momentos em que eu propunha improvisações baseadas nos jogos de Boal e na ideia de oprimido e opressor, mesmo eu, como docente, não tendo incluído o funk naquela aula em específico, imagens de funkeiros e pessoas periféricas sempre apareciam como oprimidos "lutando para vencer na vida", como os próprios alunos me diziam.

Infelizmente, estava bem limitada, pois minha aula deveria ter abordagem na produção teatral. Porém, o resultado dessas aulas inclusivas à cultura surgiu durante a montagem do espetáculo final da turma, dois alunos me procuraram após a aula com uma proposta de cena, mesmo após a peça já estar toda escrita, resolvi assistir. Os dois juntos escreveram um funk e propuseram que seus personagens cantassem e dançassem, chamando o público para o palco. Mesmo que a letra fosse ingênua e não carregasse o histórico de luta do funk, era evidente no rosto dos alunos a empolgação pela criação deles. Ao apresentar sua proposta para toda a turma, pude

observar todos os colegas muito animados com a ideia e querendo participar do momento funk do espetáculo. Não pude recusar, e a cena foi incluída na versão final, tendo uma repetição da música no final da peça para que todos pudessem participar da canção.

Na peça, livremente baseada no filme *Divertidamente*, da Disney, cada ator representa uma emoção na cabeça de Wendy, protagonista do texto. O funk aparece na cena 6 do segundo ato, onde a Diversão e a Confusão, entediados com a vida escolar, resolvem juntos criar um funk de improviso para levantar os ânimos e matar o tempo. Porém, a Razão e a Calma tentam manter o controle e a concentração do protagonista. A cena foi pensada por dois alunos pretos e periféricos.

Imagem 19 - Roteiro Confusamente 1

Diversão: Ah sem graça! **(Vai para o lado de confusão e começa a bater palma em ritmo de funk, confusão observa e tenta imitar)** Assim oh : duas Palmas, pausa, uma palma, isso aí! **(Toca batida de funk e os dois começam a dançar e cantar, durante toda cena os atores devem incentivar o público a bater palma no ritmo, Raiva e Orgulho de juntam a dança)**

Calma: **(para razão)** me ajuda aqui a me concentrar.

Confusão **(Cantando):** *Diversão e confusão, na parada*

Diversão **(Cantando):** *parada*

Confusão **(Cantando):** *parada*

Diversão **(Cantando):** *parada*

Confusão **(Cantando):** *Vai descendo até o chão e vem dando risada e dando chacoalhada*

Diversão **(Cantando):** *chacoalhada, chacoalhada, chacoalhada, chacoalhada e vai até o chão*

(Alegria, Inveja, Ansiedade e Tristeza se juntam a dança)

Todos**(Cantando):** *Chão chão chão*

Confusão **(Cantando):** *A Nojinho é tão verde que dá até aflição*

Todos **(Cantando):** *aflição, aflição, aflição*

Diversão: eu tenho outra com a Nojinho **(Cantando)** *A Nojinho é tão verde que parece que chupou limão*

Todos **(Cantando):** *limão, limão, limão*

Nojinho: Mas vocês não tiram meu nome da boca mesmo ein

Todos **(Cantando):** *E vai até o chão, chão, chão, chão, chão, chão*

Razão: Chega!

Calma: Para!

Fonte: A autora, 2024.

Imagem 20 - Roteiro Confusamente 2

Todos: **(Cantando)** *Chega e Para! Chega e Para! Chega e para!*

Inveja: Eu também quero fazer parte

Raiva: NÃO!

Todos: **(Cantando)** *Não, não, não, não*

Confusão **(Cantando)**: *A alegria é tão amarela que parece uma batata*

Todos: **(Cantando)** *tata, tata, tata*

Diversão **(Cantando)**: *O Raiva é tão vermelho que parece um pimentão*

Todos: **(Cantando)** *tão, tão, tão e vai até o chão, chão, chão chão*

Diversão: E quem é você? **(para confusão)**

Confusão**(Cantando)**: *Sou a confusão, confusão, confusão, e você é a diversão*

Diversão e Confusão**(Cantando)**: *Diversão, confusão, diversão, confusão, diversão, confusão* **(Razão tira um controle da gaveta e desliga a música da caixa de som)**

Fonte: A Autora, 2024.

No mesmo espaço, eu também dava aulas para crianças de 5 a 7 anos da EMEI, na educação formal, e pude aplicar um pouco do incentivo ao funk para os alunos. A iniciativa de querer trabalhar com funk justamente se iniciou com um ocorrido nessas turmas. Em uma delas, no início do ano de 2023, notei que alguns alunos, principalmente meninos, não se entrosavam tanto nas aulas e não participavam. Esse fato me preocupou, e eu passei a observar com mais atenção para entender a raiz do problema. Entendi, através da história posteriormente contada na introdução deste trabalho, que era uma questão de identidade com a aula.

Vendo a ocorrência do aluno que passou a participar mais ativamente das aulas de teatro, ao fim de cada aula, separei 10 minutos para que os alunos escolhessem e dançaram músicas de sua escolha. Meu objetivo era entender quais estilos musicais e preferências apareceriam. Uma se destacou: o funk. Como educadora, fiz meu papel, então, de pesquisar e estudar, e descobri diversos grupos que fazem funk e canções para o público infantil, abordando questões como a vida escolar, lúdica e brincadeiras. Alguns exemplos são "O Funk do Patinho", do grupo

Bento e Totó; "Funk da Colmeia", do Natan por Aí; "Tiktaka", da dupla Kysha e Mine Querida, com parceria da Mc Divertida; e o "Especial do Dia das Crianças", da Love Funk, em parceria com a Galinha Pintadinha e Mc Pedro Ryan.

Como é bom ser criança
Jogar uma bola, empinar uma pipa, ir pra escola
Depois que eu voltar da minha aulinha
Guardar minha mochilinha
E assistir galinha pintadinha
Mandar mamãe filmar minha dancinha
Marcar minha turminha
Que eu vou viralizar com a Pintadinha. (LOVE FUNK; MC PEDRO RYAN;
GALINHA PINTADINHA, 2021)

Atualmente, cabe aos professores periféricos que lutam pelo direito das crianças e adolescentes de quebrada manifestarem sua arte como sabem, e isso não deveria ser dever apenas dos professores que se identificam com o movimento. Estamos cansados de sermos os únicos a abordar culturas negras e periféricas na sala de aula. Enxergar e entender a sociedade como ela é, é um dever de todo educador. Para que mais crianças, jovens, futuros artistas e não artistas possam se ver representados pelas artes, é preciso uma inclusão da arte periférica no plano de ensino formal público.

6 CONCLUSÃO

O funk nasceu de um movimento negro, político e social que cruzou fronteiras e ganhou vida própria nas periferias brasileiras, carregando nas suas batidas a força de uma juventude que nele encontrou um espelho para suas lutas e sonhos. No Brasil da Ditadura Militar, o funk foi abraçado pelos jovens como um refúgio e resistência, transformando-se em uma arte que carrega tanto a alegria quanto as dores da favela. Hoje, o ritmo é conhecido e respeitado internacionalmente, mas, por aqui, ainda sofre preconceito, seja pela dança sensual, pelas letras que falam abertamente de temas polêmicos ou pelos estigmas em torno de quem faz e consome funk.

A verdade é que o funk é arte. E os jovens periféricos precisam ser vistos, respeitados e incentivados a colocar sua voz no mundo. Eles têm o direito de praticar sua arte, sonhar e ocupar espaços onde historicamente foram excluídos. Para que o funk consciente e outras expressões autênticas floresçam, precisamos ensinar que ser favela não é crime, e ser funkeiro também não é. Na realidade, como apontado por Thomaz Marcondes Garcia Pedro (2017) no artigo “É o fluxo”, não é mais vantajoso para o tráfico se associar ao funk, uma vez que isso traz um destaque, uma atenção, que “atrapalha os negócios”.

bell hooks, em *Ensinando a Transgredir* (1994), fala sobre uma educação que emancipa, que liberta o indivíduo para que ele se expresse de verdade, sem amarras. Assim é o funk: não há uma forma “correta” de fazer funk, porque ele nasce da oralidade, da vivência e da periferia. No funk, os alunos são protagonistas, criando e ensinando a partir do que vivem e respiram. Como hooks nos lembra, práticas tradicionais podem silenciar aqueles que já vêm de lugares marginalizados. Portanto, limitar o ensino da arte ao que é tradicional e reprimir o aluno que se expressa pelo funk é reforçar a ideia de que o que ele vive é menos digno de respeito – e isso só empurra mais jovens para os limites da marginalidade.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1968), fala sobre como o opressor teme o dia em que o oprimido conquista a liberdade. Esse medo do jovem periférico que encontra poder no funk ou que chega ao ensino superior ainda existe. Freire está certo quando diz que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 67). A escola precisa abrir espaço

para que os alunos aprendam sobre suas próprias histórias e sobre os artistas que vieram das periferias e venceram. Ensinar que eles podem ocupar esses espaços é um ato de transformação.

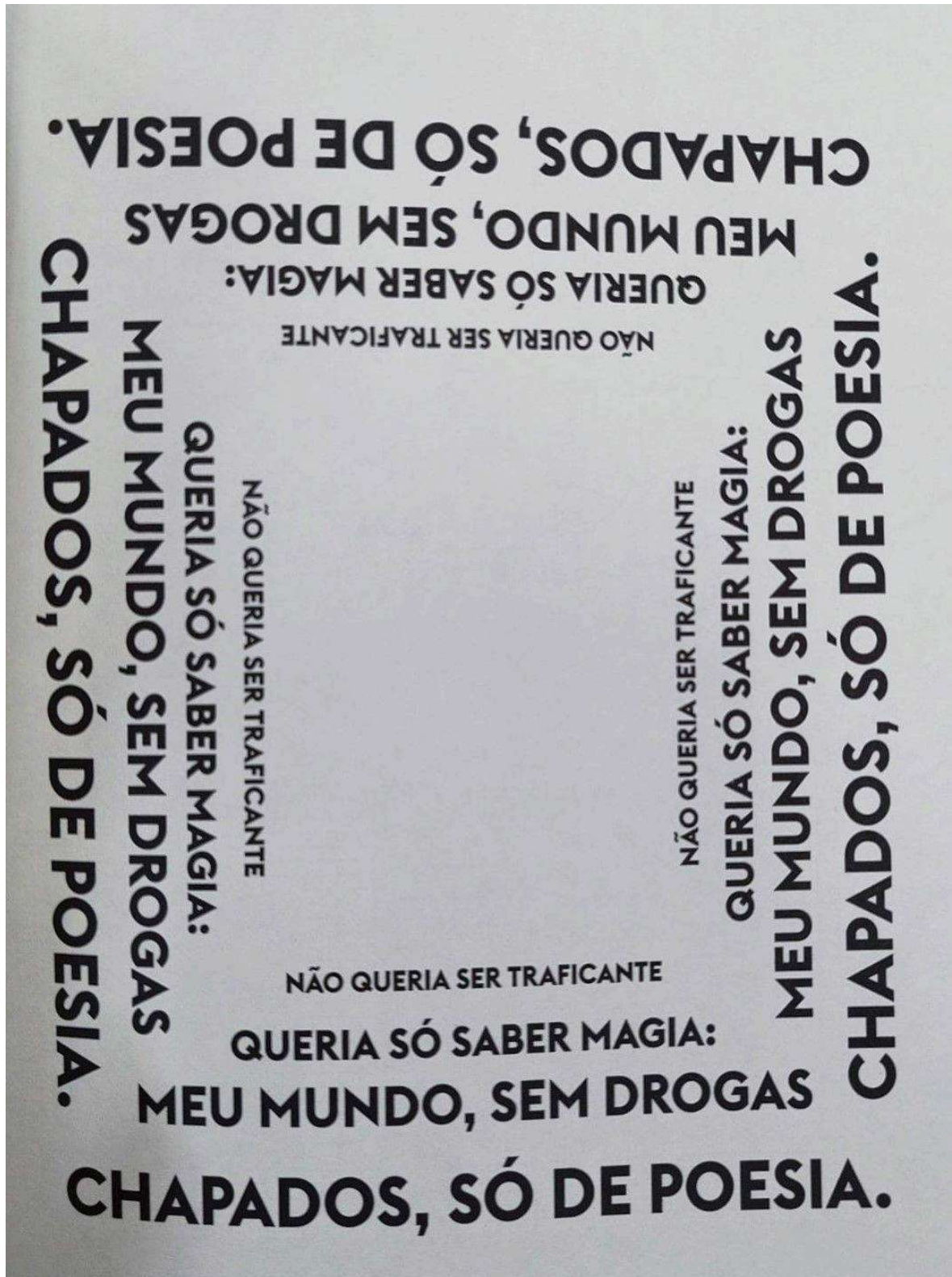
Freire defende uma educação libertadora, enquanto bell hooks fala de uma educação afetiva, onde o amor é um ato político. Integrar o funk na sala de aula é um ato de respeito pela história e pela cultura dos alunos. É mostrar que aquilo que eles criaram é, sim, importante. O funk é a voz da favela e, como tal, merece ser ouvido.

Ao ensinar funk, o professor oferece aos alunos um espaço onde eles podem expressar suas realidades e abrir caminhos de forma criativa. As batidas, as letras e as danças do funk se tornam veículos para que esses jovens compartilhem suas histórias e seus sonhos. A sala de aula se transforma, então, em um espaço de resistência e transformação, onde esses alunos se veem valorizados e inicialmente enxergam novas possibilidades de vida e identidade. O funk se torna, assim, uma ponte entre o afeto e o conhecimento, promovendo uma educação que acolhe e transforma.

Ainda há desafios para que o funk seja um movimento livre de estigmas e machismo, mas isso não deve impedir que ele ocupe seu espaço na escola. Assim como o rap, o grafite, o trap, o slam e o passinho, o funk merece ser respeitado como arte e identidade.

Acredito que abrir espaço para as manifestações culturais da periferia nas escolas é dar força para uma voz que sempre foi silenciada, porém nunca se deixou calar. Ao investigar e valorizar essas expressões, apoiamos a força de quem resiste e transforma. Que este trabalho inspire novos olhares para as artes periféricas e ajude a mostrar que o funk e seus artistas têm um papel fundamental na educação e na sociedade. Sou favela em casa, sou favela na rua e sou favela em sala de aula. Que mais jovens encontrem no funk e na poesia um caminho, e que seu futuro seja de arte e não de exclusão.

Imagem 21 - Vendo Pó...esia



Fonte: Ciríaco, 2016.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, GG. A luta de uma mulher MC pioneira do funk: MC Ellu. **Volume morto**, 2022. 1 Fotografia. Disponível em:

<https://volumemorto.com.br/a-luta-de-uma-mulher-mc-pioneira-do-funk-mc-ellu/>.

Acesso em: 20 out. 2024.

A DANÇA [S. l.: sn], 2024. 1 vídeo (4:04 min). Publicado pelo canal MC Hariel.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C0NRXaQin-4>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ANITTA. **Show das Poderosas**. 2013. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/anitta/show-das-poderosas/>. Acesso em: 30 out. 2024.

ALVES, Isabela. A criminalização do funk e o preconceito contra as culturas periféricas. **Politize!**, 2021. Disponível em :

<https://www.politize.com.br/criminalizacao-funk/>. Acesso em: 18 set. 2024.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido: e outras políticas poéticas**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BRASIL. **Congresso Nacional. Decreto n. 14.940, de 29 de julho de 2024**. *Diário Oficial da União*, 30 de julho de 2024. Disponível em:

<https://legis.senado.leg.br/norma/39385151>. Acesso em: 30 out. 2024.

CIDINHO; DOCA. **Rap da felicidade**. 1995. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/cidinho-e-doca/235293/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CIDINHO; DOCA. **Rap das Armas**. 1995. Disponível em :

<https://www.letras.mus.br/cidinho-e-doca/941509/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CIRÍACO, Rodrigo. **Vendo pó...esia**. 1.ed. São Paulo: Nós, 2016.

CHAVOSO DA USP. *Instagram: @chavosodausp.02*. 2023. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CoVFydrunRD/>. Acesso em: 30 out. 2024.

DOMINGUES, Petrônio; MADEIROS, Carlos Alberto. Black Rio: música, política e identidade negra. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 44, n. 95, p. 1-23, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472024v44n95-06>. Acesso em: 19 dez. 2024.

DUELO 2. [S. l.:sn], 2011. 1 vídeo (2:39 min). Publicado pelo canal Furacão 2000.

Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=gcOkX_CW1aQ. Acesso em: 09 out. 2024.

ETERNITYSX. *Pinterest: @eternitysx*. 2022. 1 Fotografia. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/1061934787109633364/sent/?invite_code=706d69c8ae80451f9cddd66475edc954&sender=336151697095206171&sfo=1. Acesso em: 30 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Edição especial. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FUNK BRASIL 1989 VOL 01 DJ MARLBORO. [S. l.: sn], 2020. 1 vídeo (40:32 min). Publicado pelo canal DJ Ricardo Augusto BH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q343VWBoIQw> . Acesso em: 09 out. 2024

GABRIELE, Layane. MC Hariel em aula aberta na Unicamp é uma periferia ocupando espaços. **Estadão Expresso** , 2023. 1 Fotografia. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/mc-hariel-em-aula-aberta-na-unicamp-e-a-periferia-ocupando-espacos/> . Acesso em: 30 out. 2024.

GOMES FREIRE, Quintino. Movimento Black Rio torna-se Patrimônio Cultural Imaterial do Rio. **Diário do Rio** , 2018. 1 Fotografia. Disponível em: <https://diariodorio.com/movimento-black-rio-torna-se-patrimonio-cultural-imaterial-do-rio/> . Acesso em: 30 out. 2024.

GOMES, Tamiris. **MC Hariel, um maloqueiro que quer ser melhor**. *Terra* , 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/mc-hariel-um-maloqueiro-que-quer-ser-melhor_824c35e100a35d4b1114e70237317e5ekwylgxx2.html . Acesso em: 24 out. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. 3.ed. São Paulo: Elefante, 2022.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. *

LOVE FUNK; MC PEDRO RYAN; GALINHA PINTADINHA. **Especial Dia das Crianças**. 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/love-funk/especial-dia-das-criancas-part-mc-pedro-ryan-e-galinha-pintadinha/> . Acesso em: 30 out. 2024.

MACHADO, Taísa. **Taísa Machado, o afrofunk e a ciência do rebolado**. 3.ed. São Paulo: Cobogó, 2020.

MC CACAU, MC MARCINHO. **Porque Te Amo**. 1998. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-cacau/1587900/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC DALESTE. **Angra dos Reis**. 2012. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-daleste/angra-dos-reis/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC DRICKA. **E nos tem um charme que é da hora**. 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-dricka/e-nos-tem-um-charme-que-e-da-hora/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC DRICKA. **Me Olha e Me Respeita**. 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-dricka/me-olha-e-me-respeita/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC DONI. **Não vai ser fácil**. 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-doni/nao-vai-ser-facil-taxado-de-boy/#letras:1007741>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC ELLU. **Tira a mão de mim**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ZEvoF4NjjQ>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC HARIEL; KYAN. **Novos Ricos**. 2024. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-hariel-sp/novos-ricos-part-kyan/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC HARIEL; GILBERTO GIL. **A Dança**. 2024. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-hariel-sp/a-danca-part-gilberto-gil/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC HARIEL; MC NEGUINHO DO KAXETA; LELE JP. **Favela pede paz**. 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-hariel-sp/favela-pede-paz-part-mc-neguinho-do-kaxeta-e-lele-jp/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC KATIA; MC NEM. **Duelo 2**. 2006. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-katia/734510/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MC KEVIN O CHRIS; FP DO TREM BALA. **Vamos pra Gaiola**. 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-kevin-o-cris/vamos-para-gaiola/>. Acesso em: 30 out. 2024.

MANDELÃO do Eliza. *Instagram: @mandelao_do_elisa*. 2024. 1 Imagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6hMVoLPLAt/>. Acesso em: 30 out. 2024.

PERSONAUNESP. De Rainha dos Fluxos a Rainha da Times Square, o novo EP de MC Dricka é revolucionário. **Persona Unesp**. 2021. 1 Fotografia. Disponível em: <https://personaunesp.com.br/mc-dricka-acompanha-critica/>. Acesso em: 30 out. 2024.

PODEROSOS PRETOS. **Passinho recebe o título de patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro**. 2024. 1 Fotografia. Disponível em: <https://midianinja.org/passinho-recebe-o-titulo-de-patrimonio-cultural-imaterial-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 09 out. 2024.

RECORDSLOVE. **Dicionário de Gírias**. *Instagram: @recordslove*. 2019. 1 Imagem. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B1HvmD9hW8L/?utm_source=ig_embed&ig_rid=17d944f7-48a9-4c18-a379-e91fc34185d7. Acesso em: 30 out. 2024.

SPOLIN, Viola; KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

STABILE, Amanda. Mc Cacaú: a primeira mulher do funk brasileiro. **Nos Mulheres da Periferia**, 2023. 1 Fotografia. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/mc-cacau-a-primeira-mulher-do-funk-brasileiro/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

TERRA. **O que é e como surgiu o baile funk?**. *Terra*. 2023. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/o-que-e-e-como-surgiu-o-baile-funk_7eb98c119ec394500380ef9bd6fbf1efwbjavxc8.html. Acesso em: 13 ago. 2024.

TOMAZ, Kléber. Caso do 'Massacre de Paraisópolis' completa 4 anos sem decisão da Justiça sobre 13 PMs acusados de matar nove jovens em baile funk. **G1**. 2023. 1 Imagem. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/12/01/caso-do-massacre-de-paraisopolis-completa-4-anos-sem-decisao-da-justica-sobre-13-pms-acusados-de-matar-nove-jovens-em-baile-funk.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2024.

YOUTUBEMUSIC. **Funk Rave**. *Instagram: @youtubemusic*. 2023. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/youtubemusic/p/Ct1k5oPuQvB/>. Acesso em: 30 out. 2024.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

BEZERRA, Juliana. Origem do Funk. **Toda Matéria** . s/d. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origem-do-funk/#:~:text=O%20funk%20surge%20no%20sul,rela%C3%A7%C3%A3o%20aos%20outros%20tr%C3%AAs%20tempos..> . Acesso em: 18 set. 2024.

BRAGANÇA, Juliana. **Preso na gaiola**: a criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil (1990-1999). 3. ed. Curitiba: Appris, 2020.

BLUE , Imani. O impacto de James Brown na era do funk e da discoteca e sua influência na comunidade negra. **Black Music Scholar**, 2024. Disponível em: <https://blackmusicscholar.com/james-browns-impact-on-the-funk-and-disco-era-and-its-influence-on-the-black-community/> . Acesso em: 8 ago . 2024 .

CAMPOS, Vitoria. Relembre a trajetória de James Brown, maior ícone do funk e soul [FLASHBACK]. **Rolling Stone**, 2021. 1 Fotografia. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/relembre-trajetoria-de-james-brown-o-maior-icone-do-funk-e-soul-flashback/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CHARGAS, Inara. Como o funk surgiu no Brasil e quais são suas principais polêmicas?. **Politize!** , 2018. Disponível em: [https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/#:~:text=Funk%20ostenta%C3%A7%C3%A3o%20\(funk%20paulista\),do%20cantor%20no%20mesmo%20ano..](https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/#:~:text=Funk%20ostenta%C3%A7%C3%A3o%20(funk%20paulista),do%20cantor%20no%20mesmo%20ano..) . Acesso em: 27 set. 2024.

CORREIA, Mariana. Passinho: racismo policial reprime encontros e já fez a primeira vítima. **Marco Zero** , 2019. Disponível em: <https://marcozero.org/racismo-policial-reprime-encontros-de-passinho-e-ja-fez-a-primeira-vitima/> . Acesso em: 27 set. 2024.

DICIONÁRIO Cravo Albin. **MC Dricka**. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira** . 2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/mc-dricka/#:~:text=Nascida%20em%20S%C3%A3o%20Paulo%2C%20mudou.com%20que%20frequentasse%20os%20bailes..> . Acesso em: 12 out. 2024.

DRAGUE RAMOS, Beatriz. Polícia faz operação nas casas de MCs do funk de SP. **Ponte**. 2021. Disponível em: <https://ponte.org/policia-faz-operacao-nas-casas-de-mcs-do-funk-de-sp-funk-e-perseguido-desde-sempre-diz-ativista/> . Acesso em: 10 set. 2024.

FURACÃO 2000. **Quem somos**. *Furacão 2000* . s/d. Disponível em: <https://furacao2000.com.br/quem-somos/> . Acesso em: 9 out. 2024.

GALISI, Juliano; e outros. Funk no Brasil: um panorama histórico da ascensão da cultura das comunidades. **Revista Esquinas**. 2021. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/arte-e-cultura/musica/funk-no-brasil-um-panorama-historico-da-ascensao-da-cultura-das-comunidades/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

KONDZILLA. Passando a visão de “Sintonia”. **Kondzilla**, 2019. Disponível em: <https://kondzilla.com/passando-a-visao-de-sintonia/>. Acesso em: 26 out. 2024.

LANA, Isabela. **Criminalização do funk**: por que o lazer das favelas incomoda? *In*: Blog FCA Puc Minas, 13 maio 2021. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/criminalizacao-do-funk-por-que-o-lazer-das-favelas-incomoda/>. Acesso em: 17 set. 2024.

LETRAS. BIOGRAFIA do DJ Marlboro. **Letras.com**. s/d. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/dj-marlboro/biografia>. Acesso em: 19 set. 2024.

PAIVA PAULO, Paula. O Mundo do Funk Paulista. **G1**. s/d. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/o-mundo-funk-paulista/>. Acesso em: 30 out. 2024.

PEDRO, Thomaz Marcondes Garcia. É o fluxo: “baile de favela” e funk em São Paulo. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 115–135, 2017. DOI: 10.20396/proa.v7i2.16801. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16801>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SARAMAGO, Vitória; e outros. **Eu sou favela**: visão inédita sobre a favela, seu cotidiano, suas lendas. 2. ed. Paris: Editions Anacaona, 2013.

STABILE, Amanda. Mais do que ritmo, o funk brasileiro é um movimento de resistência. **Mulheres Nós da Periferia**, 2023. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/mais-do-que-ritmo-o-funk-brasileiro-e-um-movimento-de-resistencia/#:~:text=As%20gera%C3%A7%C3%B5es%20de%20mulheres%20no%20funk&text=A%20primeira%20gera%C3%A7%C3%A3o%20definida%20pela, ganharam%20mais%20evid%C3%Aancia%20no%20movimento..>. Acesso em: 29 set. 2024.

VENTURA, Rafa. Quem é MC Dricka, considerada a nova voz do Funk?. **Pop Line**. 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/quem-e-mc-dricka-considerada-a-nova-voz-do-funk/>. Acesso em: 12 out. 2024.

VICENTE, Rickey. Funk music. **Britannica**, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/funk>. Acesso em: 1 out. 2024.

GLOSSÁRIO

150 bpm Subgênero do funk. Ligado ao funk carioca, o 150bpm representa um conceito de 150 batidas por minuto.

Automotivo Subgênero do funk. Com texturas saturadas, distorcidas e cheias de ruídos, criado para ser tocado em carros com som potente. O objetivo é que o volume seja alto para ecoar por toda a região.

Beat Fino Subgênero do funk. É uma batida hiper aguda de toque metálico que se popularizou no Espírito Santo por volta de 2013.

Beat Tamborzão É caracterizado por uma vibe sensual e groove tropical brasileiro. A batida é composta por: “Tum”, a primeira batida do bumbo “Pa-pá”, as duas batidas slap da conga aguda “Pum” e a terceira batida dos tom-tons. “Pá”, a primeira batida da conga grave, apoiada pelo surdo de chão da bateria

Brega Funk Subgênero do funk. Com origem pernambucana e crescimento em popularidade no Norte e Nordeste do Brasil. É uma mistura de diversos estilos, como brega, arrocha e funk carioca.

DJ Set Um DJ Set é uma performance musical em que o DJ toca e mistura músicas pré-gravadas, criando uma experiência sonora contínua para o público. O equipamento básico para um DJ Set é uma mixer e reprodutores, que podem ser complementados com caixas de ritmo ou samplers.

Funk Bruxaria Subgênero do funk. Uma engenharia acústica que usa som bem agudo, o que é diferente da maior parte da música eletrônica dançante, que é centrada no grave.

Funk Carioca O funk originário do Rio de Janeiro, influenciado pelo Miami bass e com letras voltadas para temas do cotidiano das favelas cariocas.

Funk Conciente Subgênero do funk. Os artistas desse estilo abordam temas como o descaso com moradores de favelas, racismo e problemas sociais.

Funk Mandelão Subgênero do funk. Caracterizado pelos famosos bailes paulistas, mas também se tornou um conceito, com um som repetitivo e batidas mais pesadas.

Funk Melody Subgênero do funk. Com letras centradas em temáticas românticas e sem apelo sexual, faz grande uso de samplers e baterias eletrônicas.

Funk Ostentação Subgênero do funk. Surgiu por volta de 2008 e se popularizou em São Paulo e Santos que conta com canções sobre carros de luxo, jóias, mulheres, bebidas alcoólicas "de marca", festas sem limites e marcas de roupas como Lacoste e Nike.

Funk Proibidão Subgênero do funk. Possuem clipes cada vez mais ousados e letras fortemente sexualizadas e com palavrões.

Magrão Subgênero do funk. Ritmo de funk que se popularizou na Zona Leste de São Paulo. Ele é caracterizado por ser mais limpo, com um beat tradicional e a voz do MC como os principais elementos.

Medley Um medley de funk é uma junção de várias músicas, trechos ou rimas de diferentes artistas em um único som.

Mega Funk Subgênero do funk. Um mix de funk com house e outros estilos de eletrônica feita por DJs do Sul do país, sobretudo Paraná e Santa Catarina.

Melô Subgênero do funk. Inspirado inicialmente no groove do funk americano é caracterizado por refrões marcantes e repetitivos, letras simples que falam do cotidiano e um ritmo envolvente.

MTG Subgênero do funk. MTG é a sigla para "montagem", uma técnica comum no funk que consiste em juntar músicas ou sons com novos efeitos

sonoros e batidas. É similar a um remix, pois reúne músicas diferentes numa mesma faixa, com alterações e efeitos feitos pelo DJ e produtor.

Ombrinho Um dos passos marcantes do Passinho dos Maloka. Consiste em movimentos de levantar e abaixar os ombros, um de cada vez.

Passinho da Kenner Estilo de sapateado que combina o ritmo da dança com o som das sandálias da marca batendo no chão. A Kenner é considerada a sandália oficial do passinho, uma dança que faz parte da cultura funk desde os anos 2000.

Passinho do Romano Estilo de dança urbana que surgiu no Jardim Romano, bairro da periferia da Zona Leste de São Paulo. Caracterizado por passos leves, saltos suaves, braços livres e uso de break, dubstep, passos de robô e funk.

Passinho dos Malokas Estilo de dança que surgiu nas periferias de Recife, Pernambuco, e é influenciado pelo brega-funk. A dança se caracteriza por movimentos de braços e virilha que simulam movimentos sexuais.

Passinho Malado Estilo de dança criado em Belo Horizonte, Minas Gerais, e é caracterizado por movimentos de pernas em forma de triângulo, jogadas de quadril e giros. O nome vem da gíria "mauá", que significa algo da hora, estiloso ou legal.

Ponta do pé Movimento de dança funk que contém alternância de passos que destaca o gingado e rebolado usando a ponta dos pés.

Quadrado Movimento de dança do funk carioca que consiste em formar um quadrado com o quadril: Dobrar os joelhos alternadamente, Empinar e desempinar as nádegas.

Rave Funk Subgênero do funk. É um gênero que mistura: eletrônica, funk e 150 bpm. Além de tudo, esse estilo é totalmente dançante e tocado em festas, fluxos e, obviamente, em raves – como o próprio nome já diz.

Rebolado Movimento de rotação e balanço do quadril, geralmente acompanhando o ritmo mais leve da música.

Sarrada Passo de dança caracterizado por trazer as mãos em direção ao quadril e projetá-lo levemente para a frente.

Trapfunk Subgênero do funk. Uma combinação do subgênero rap chamado "trap" com batidas sintetizadas e timbres melódicos. Esse gênero traz letras diretas e muitas vezes emocionais, sendo comparado a uma versão atual do emo.

Tremidinha Movimento de rebolado com velocidade, criando um efeito de vibração no quadril.